

Quinta
-0. NOV. 1998

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

1404



ANO I — N.º 33 — PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 1 DE JANEIRO DE 1942

UM ESTRANGEIRO que procurou refúgio em Portugal vai todas as manhãs oferecer comida às pombas de Lisboa. O seu gesto tem um significado de que o público da cidade talvez não se tenha ainda apercebido. A sua afeição pelas pombas, símbolos da Paz, é o seu reconhecimento pela vida calma que veio encontrar entre nós. O Destino há-de querer que, no novo ano, e sempre, as pombas da Paz não desapareçam de Lisboa. (Foto J. Kirchner, especial para «Vida Mundial Ilustrada».)

a propósito do natal

Um artigo de RAMADA CURTO

PEDEM ME um conto de Natal. Eu sinto que não sou capaz de escrever. Os contos de Natal dão-me sempre a impressão dum cromó de papelaria vertido em prosa edulcorada e propositadamente bonitinha. Vem-me esta impressão do facto de, quando eu era garoto, se verem nas montas das papelarias da Baixa, por esta época, uns cromos muito caros, de cartão articulado, representando a cena do presépio. A Virgem Maria tinha a túnica azul aivada a purpurina; S. José, umas lindíssimas barbas em sacarrolhas; o Menino, nuzinho, era cor de rosa e loiro, como um bebé escandinavo, e os focinhos do boi, do burro e do camelo, tinham uma expressão mística de quem estava a recitar «in mente» o «Gloria in excelsis». Eu adorava aquilo. Tanto mais que, pondo-se um luz por trás do presépio, ela vinha reflectir-se num papel metálico vermelho que estava colado também por detrás dos vários planos do cromó e toda a cena ficava iluminada a vermelho, como uma apoteose de teatro em miniatura. Era lindo e eu acreditava que o nascimento do Senhor deveria ter sido mesmo assim. Hoje, lamento não ter a frescura e a facilidade de emoção estética dos anos distantes da minha infância. Mas tenho muito mais crítica histórica, o que é, dum certo modo, uma compensação. Todavia recordo os cromos luxuosos do Baeta Dias e do Palhares e sinceramente o prefiro às telas modernistas de certos artistas contemporâneos. Ah! lá isso não! A cena do nascimento de Cristo poderá não ter sido tão bonita. Certo os traços das personagens não tinham tão suaves céres, nem os animais focinhos tão unguídos de misticismo, mas o que ela não foi, com certeza, foi uma visão de malucos ou borrachos.

Eu já vi uma coisa parecida com um Presépio numa aldeia dos meus sítios. Foi o caso de que a Rita do João Boeiro, numa ocasião em que o marido viera para o Hospital de S. José, tratar-se dum desastre grave, ficou só, na terra, a cuidar dos bois.

Ora a pobre mulher estava grávida — natural e humanamente grávida, como sucede a 'bdas as mulheres, ricas ou pobres. E uma noite, quando estava a tratar dos animais na abegocaria, quis Deus que os tempos se cumprissem e ela deu a luz, ali mesmo. As mulheres de trabalho, e que são pobres, contam só consigo nestes transe e o caso foi que eu surpreendi a cena, pouco depois de ela se dar. Estavam presentes a Rita, muito pálida, estendida sobre uns feixes de palha de milho, a comadre Maria Baibina, que morava mesmo ao lado do palheiro, numa casa térrea e por quem ela chamara, o Boga que era a marido da Baibina e acompanhara a mulher e estava a junta de bois, ruminando a ração com indiferença e um burrito novo e cinzento. Eu entrei, por acaso, podendo, na hipótese, figurar como um dos reis magos que chegara ao presépio antes dos outros dois. Na manjedoura, em cima de palha triga, estorci-se e gemia uma coisa de carne — que é hoje o Joaquin, carpinteiro de seu ofício por mera coincidência. Pois vi esta cena e não me esqueço a luz do candeio de azeite, pendurado duma trave do palheiro e que a iluminava, nem a espessura e grandeza das teias de aranha que ornamentavam a porta. E não me esqueço também que estava uma noite linda, de céu muito azul e profundo, com uma grande estrela ao alto, lucicante e clara, de que eu não sei o nome e já tenho notado doutras vezes. Devo dizer que a Rita nesse tempo era uma simpática rapariga, muito morena, como deviam ser também as mulheres de Judá. Quanto à estrela seria a mesma. Os meus conhecimentos de astronomia e cosmografia não são suficientes para afirmar que este astro seja visível perto do Car-taxo e na Asia Menor. Mas, enfim, as estrelas são mais ou menos parecidas e o que posso garantir é que aquela é das maiores e mais brilhantes que eu tenho visto.

Os primeiros contos de Natal que conheço são



os de S. Mateus e de S. Lucas. Confesso que preiro o conto deste último Evangelista. S. Lucas escrevia bem, com emoção e fantasia. S. Mateus era mais seco e se vivesse agora ninguém lhe pediria para escrever um Conto de Natal, numa revista ilustrada. Seria talvez Secretário de Finanças e, quando muito, licenciado em Ciências Económicas e Financeiras. S. Lucas, ao contrário, era um poeta ao mesmo tempo lírico e épico. O «Cântico de Maria» é uma maravilha. Há nêle passagens porque eu tenho uma especial simpatia, como aqueles versículos 1-51, 52, 53 — «disippou os soberbos no pensamento dos seus corações; depôs do trono os poderosos e elevou os humildes; encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos». A doce boca da mãe dum Deus, atestam-no os Evangelhos, pela pena inspirada de S. Lucas, proferiu estas palavras!... Só isto chegava para eu admirar S. Lucas. E como dramaturgo — ou dramamífero, se quizerem — admiro aquele quadro pintado com largueza e que diz: «E no mesmo instante apareceu com o anjo uma multidão de exércitos celestiais louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».

Devia ter sido uma grande noite essa em que tão maravilhosas coisas se passaram à vista dos homens, em pleno céu. Os exércitos que hoje aparecem entre nuvens roncantes e terríveis, estão longe de desejar aos homens de boa-vontade qualquer espécie de Paz. E como já vou indo para a idade e estou cansado de ver coisas más e feias, encanta-me aquela do velhíssimo Simeão, levantando nos braços o Menino e dizendo

et nunc dimitte servum tuum Domine...

O velho Simeão, se calhar estava massado da fealdade do mundo. E ainda êle não tinha visto duas guerras — como os homens da minha geração.

E por isto que eu gosto muito destes Contos de Natal — os primeiros e os mais bem escritos de todos que conheço. E estou em crer que, simples contos ou realidades históricas, passarão os impérios, os grandes vultos de guerreiros e heróis, de tudo isso não restará memória, mas esta história do Natal, não passará, quando mais não seja, como a mais bela coisa que o espirito humano tem criado.

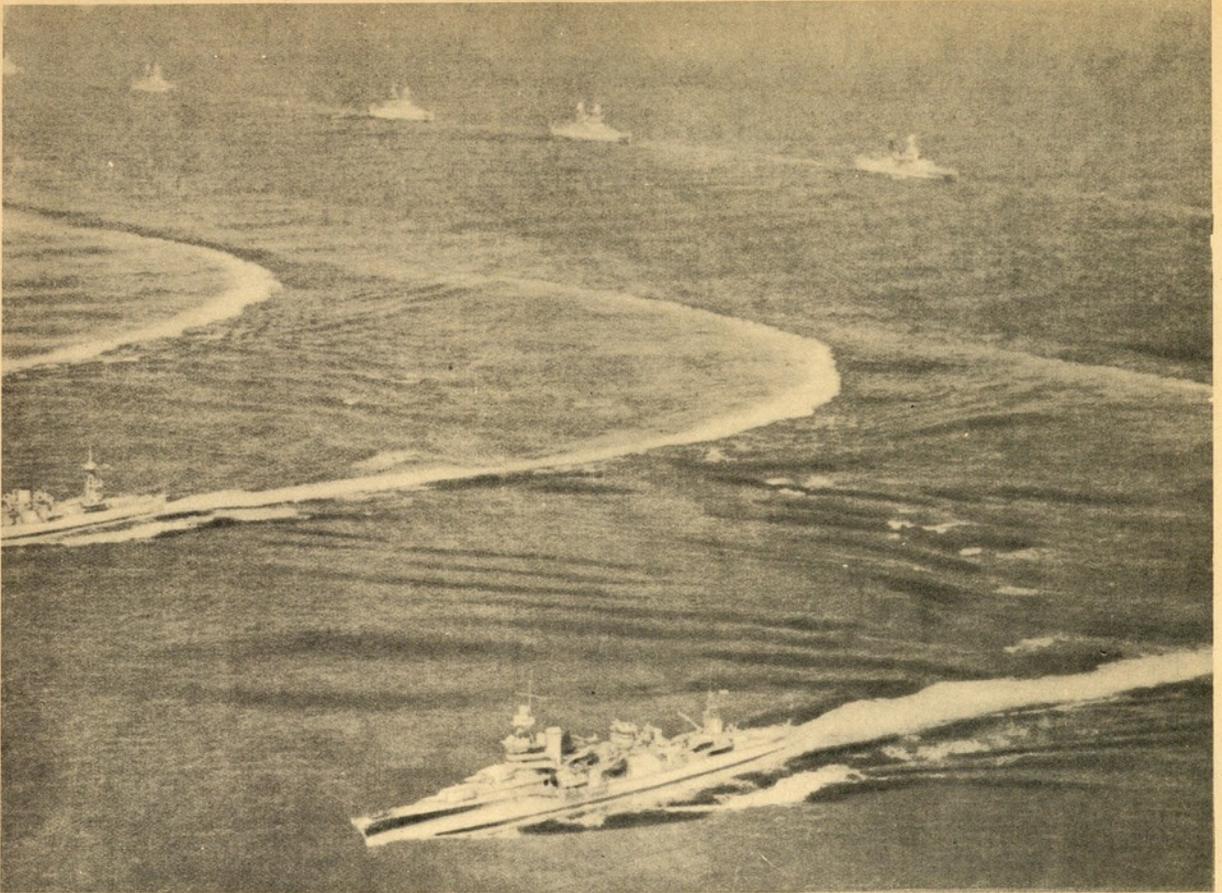


CREPÚSCULO
Foto Jaime Morais Pereira

mulheres do Japão



O JAPÃO EM GUERRA dá ao visitante um aspecto muito diferente do que era a sua vida há anos. Tudo ali se modificou: hábitos, processos, profissões. A mulher sofreu uma perfeita metamorfose. Da antiga «geisha», nada resta. Hoje é, pelo menos, tão dinâmica como a mulher do ocidente. Nesta página, damos alguns aspectos da actividade feminina no Japão. Em cima: Uma cabeleireira de senhoras fazendo ondulações permanentes. — Duas elegantes na rua: uma, vestida à oriental, outra, como qualquer rapariga americana. — Uma profissão que não existe entre nós: a mulher barbeira... À direita: A professora duma escola tocando e cantando com os seus alunos os hinos patrióticos infantis.



marinheiros americanos



EM CIMA: UMA ESQUADRA de cruzadores americanos em formação de batalha. Em baixo, vários aspectos da instrução dos marinheiros nos Estados Unidos: Admirando um modelo de barco antigo numa aula de história naval — A partida para uma viagem de treino ao longo da costa do Pacífico — A preparação atlética por meio de vários desportos, à cabeça dos quais figura o remo e a natação.

O que alguns homens dizem às mulheres quando vão tarde para casa

Por Luiz de Oliveira Guimarães — Caricaturas de Zeco

DETERMINAVA o nosso grave Código Civil, no seu artigo 1186, que a mulher tinha obrigação de acompanhar o marido excepto para pais estrangeiro. E diziamos determinava porque este artigo foi substituído, após a implantação

da República por outro em que dispõe que a mulher deve adoptar a residência do seu cônjuge, salvo se este quiser mudar-se para as colônias ou para o estrangeiro, sem acôrdo dela, pois, neste caso, decidirá o juiz. Como vêem, de certo para evitar complicações, a mulher hoje já não acompanha tanto o marido, pelo menos juridicamente: quer saber, com mais minúcias, por onde ele anda — sobretudo de noite. Dai os embaraços em que, por vezes, os homens se encontram para lho explicar, com tranqüila honestidade. «Meu marido é um dos maiores inventores que conheço. — dizia-nos, uma vez, a mulher do nosso amigo e colaborador Amadeu do Vale. — Se soubesse o que ele inventa quando vem tarde para casa!» O que inventará ele? Ele — e outros. Eis a curiosidade deste inquérito. Os psicólogos poderão encontrar nêle — quem sabe? — valiosos subsídios.

Encontrámos o dr. Fezas Vital, professor da Faculdade de Direito, espirito cultissimo e gentilissimo. Desfechámos-lhe a pergunta.

— Recolho cedo, compreende. Quem trabalha todo o dia não pode perder noites...

— Mas se aconteceu?

Riu-se.

— Digo que estive na Câmara Corporativa...

E logo numa deliciosa ironia:

— E que o presidente se esqueceu de encerrar a sessão...

Ramada Curto advogado, escritor orador, dramaturgo, senhor duma vivacidade positivamente aerodinâmica, afirmamos, a um canto da Brasileira do Chiado, tomando a sua chicara de café:

— Se me acontece vir para casa — tarde, chamo eu, depois das três da madrugada — nada digo a minha mulher, até porque minha mulher, quando me pergunta, a este respeito. Em todo o caso faço, em regra, como aquele

experimentado D. Juan que entrava de costas — para dar a impressão, não de que ia a entrar, mas de que ia a sair...



Aquilino Ribeiro, grande romancista, sorri à nossa pergunta, mas não hesita na resposta:

— O que é que eu digo à minha mulher quando venho tarde para casa? Prefiro falar-lhe em teoria: quer dizer abstraído do meu possível caso pessoal e focando a questão sob o aspecto geral... As

mulheres, tendo aliás uma natureza simples, não se contentam com explicações simples... Para que elas nos acreditem é necessário, muitas vezes, mentir... Eis talvez o que muitos homens tem de fazer quando vêm tarde para casa...



Augusto de Castro, diplomata, blagueur, homem de letras e homem de espirito, pretendes esquivar-se ao nosso interrogatório. Inútil. O mais fraco venceu.

— Quasi sempre recolho tarde. A direcção do Diário de Notícias absorve-me muitas horas da noite. Minha mulher não estranha.

— Mas se estranhasse?

— Dir-lhe-ia que estive a escrever o artigo de fundo do jornal. E logo acrescentou:

— Se os artigos de fundo convencem tão boa gente, não é de admirar que convençam as nossas mulheres!



António Corrêa de Oliveira vive em Belinho, por consequência em pleno vergel minhoto. É de lá que nos chega o eco da sua voz amiga:

— Aqui, como sabe, a boémia é toda virgiliana. Levantamo-nos com os galos e deitamo-nos com as galinhas — salvo seja. Eu nunca

saio à noite. Desta forma o meu problema encontra-se simplificado. Mas uma noite ou outra que me deito tarde a explicação, que, de resto, ninguém me exige, é estruturalmente lírica: — «Estive a ver as estrelas...» E, como não são de teatro, não há complicações.



— Está lá? É o sr. dr. Francisco Mendonça, juiz do Supremo Tribunal de Justiça?

— Exactamente. E daí quem fala.

— Luiz de Oliveira a Guimarães.

— Como está, meu amigo?

— E V. Ex.ª com tem passado, senhor Conselheiro?

— Bem, muito obrigado. Então que deseja de mim?

— Desejava saber que explicação é que o sr. Conselheiro dá quando vem tarde para casa?

— De madrugada?

— Precisamente.

— Eu é rarissimo recolher de madrugada. Isso é bom, quando se tem 20 anos...

— Mas se acaso succedesse?

O dr. Francisco Mendonça hesita um momento:

— Atrasava o relógio...

— O que é que eu digo a minha mulher quando venho tarde para casa?

— Franze o nariz o dr. Azevedo Neves.

— É uma pergunta indiscreta, não é?

— Não, meu amigo. Já o dizia Oscar Wilde: as perguntas nunca são indiscretas; algumas vezes o são...

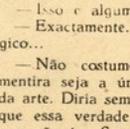
— Confesso-lhe que não digo nada...

— Mesmo nada?

— Se a lingua é de prata, o silêncio é, quasi sempre, de ouro... De resto, não julgo difficil explicar todos os meus passos — ainda que depois da meia noite...

E sorrindo:

— Sou senhor dos passos que dou...



Estamos em casa do Gustavo de Matos Sequeira. São dez horas da noite. O arqueólogo double de poeta tem na mão o seu pequeno chapéu mole, qualquer coisa parecida com um pastel de nata preto. Vai sair.

— O que diz a sua mulher se vier hoje tarde para casa?

— Isso é algum inquérito?

— Exactamente. Um inquérito psicológico...

— Não costume mentir, embora a mentira seja a única forma verdadeira da arte. Diria sempre a verdade, mesmo que essa verdade fosse contra mim — mas não é... Se chegar tarde a casa e minha mulher me perguntar donde venho, não hesitarei:

— Venho do Século, minha filha!



Leal da Câmara, o caricaturista tão conhecido e tão admirado, recebeu-nos em pijama no seu escritório-atelier. O pijama foi sempre uma esplêndida toilette para este género de confidências.

— Eu, em regra, recolho cedo. Mas mesmo que recolha tarde, minha mulher tem a prudência de não me procurar donde venho... De resto confia em mim, no meu senso ponderado e na minha honestidade virtuosa. Na verdade, nem todas as mulheres casadas poderão dizer: como minha mulher, que tem um marido — Leal...



Carlos Olavo está à porta da Portu-jália, gordo, risinho, bem disposto, de pasta.

— Homem, essa pergunta é um caso serio! Cheira a uma devassa. Que diabo digo eu à minha mulher quando chego tarde a casa?

Dantes, tinha uma justificação justissima a politica...

— E agora?

— Agora também tenho... Digo-lhe que estive a cavaquear com o Pimenta sobre coisas historicas...



— O que é que eu digo a minha mulher quando vou tarde para casa?

Alves da Cunha fica a filosofar uns instantes na pergunta e depois responde:

— Em geral entro em casa com minha mulher.

— Mas quando se não verifica esta hipótese?

— Digo-lhe que venho do teatro... Como sou actor, a minha mulher tem de acreditar por força...

— E se não acreditar?

— Não lhe digo nada porque às vezes, neste mundo, quanto mais se fala, menos razão se tem...



Agora interrogo Luiz de Oliveira Guimarães:

— O que dizes tu à tua mulher quando vais tarde para casa?

Faço o meu exame de consciencia e respondo:

— Invento sempre pre uma historia — e uma aventura. Conto coisas inverosimeis que metem sempre saias. Minha mulher ri-se; adquire a convicção de que nada daquilo era possivel e dorme descansada sonhando que seu marido é o mais virtuoso dos intrujes...



quando me pergunta, a este respeito. Em todo o caso faço, em regra, como aquele

ONATAL

*** Português



O NATAL foi comemorado em Lisboa com várias cerimónias piedosas e festas infantis. Entre todos os actos comemorativos, dois factos avultaram: o «Natal do Expedicionário», iniciativa do «Diário de Notícias», e a mensagem de paz que o sr. Cardinal Patriarca proferiu aos portugueses de todo o Mundo. Em cima, o ilustre Chefe da Igreja Portuguesa falando no Patriarcado, ao microfone da Emissora Nacional.



UMA DAS MAIS INTERESSANTES FESTAS INFANTIS foi a que se efectuou no Hospital da Marinha (à esquerda), durante a qual fizeram preleções alusivas os srs. Correia da Cunha e Mário Sampaio Ribeiro.

A «HORA DA SAUDADE» do «Natal do Expedicionário» chamou ao edifício do «Diário de Notícias» uma grande multidão. Transmittiram-se muitas saudações para os soldados dos Açores e Cabo Verde de pessoas de suas famílias residentes no continente. A Emissora Nacional pôs também em comunicação três expedicionárias com uma mãe, uma esposa e uma filha que falaram em nome de todas as que têm seus filhos, maridos e pais ausentes.

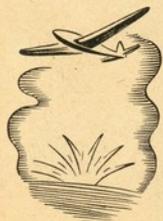
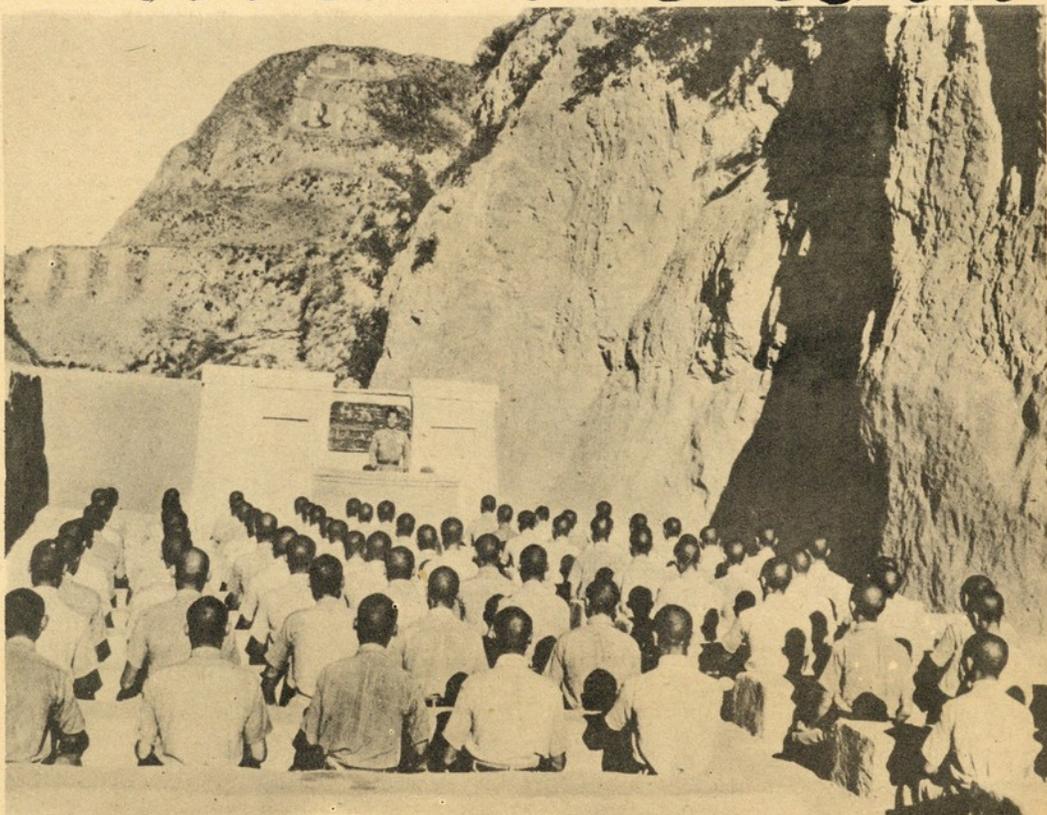




O NOVO EXÉRCITO CHINES, reorganizado e dirigido por Chang-Kai-Chek, está armado e equipado com material moderno. À esquerda, vemos uma companhia de metralhadoras em Tung-Kau preparando-se para um combate.



O novo exército da China



EM PLENA MONTANHA, um batallhão de tropas que vai partir para a frente, ouve uma preleção patriótica e de tática militar do jovem oficial chinês que o comanda.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo III Adversários que se espreitam

2

A FALTA DUM PLANO DE ACÇÃO



QUAL era, em fins de Outubro de 1939, a verdadeira situação política e militar na Europa e no resto do mundo? Os diversos países ofereciam, tomando isoladamente cada um deles, e considerando o seu conjunto, um espectáculo bastante singular. Derrotada a Polónia,

estreitada aparentemente a amizade germano-soviética, a posição das principais nações do leste europeu parecia estabilizada.

E certo que russos e alemães continuavam a intensificar os seus preparativos, mobilizando homens e aumentando o potencial da sua indústria de guerra, como se um dia, inevitavelmente, viessem a bater-se. A ofensiva ideológica e diplomática da U. R. S. S. nos países bálticos e as condições em que as tropas soviéticas actuavam na parte da Polónia que haviam ocupado constituíam legítimos motivos de inquietação para Berlim. Mas a Wilhelmstrasse e o Estado Maior alemão consideravam que as suas preocupações, a ocidente, bastavam. Por isso pareciam não entender o verdadeiro significado da evolução russa, lenta mas firme, que em circunstâncias diferentes se traduziria por um aumento de tensão entre os dois países. Sobretudo os dirigentes alemães pensavam que era necessário evitar, mesmo à custa de todos os sacrifícios, o risco de obrigar o Reich a bater-se em duas frentes.

Se a leste se chegara a uma estabilidade fictícia, a oeste a posição era idêntica. Com a aproximação do Inverno, dir-se-ia que, tacitamente, os adversários se tinham decidido por uma trégua, enquanto atavam as armas e extraviavam as melhores energias em discursos estéreis.

O serviço de patrulhas avançadas que o exército francês pusera no Sarre enquanto a Polónia era



General Gamelin

bastada saldara-se com quarentenas baixas. Qual era o verdadeiro plano do general Gamelin e dos seus colaboradores mais próximos? Esta interrogação não encontrava resposta adequada em nenhum dos movimentos incoerentes dos seus soldados. Que ia fazer a França? A resposta a esta pergunta envolvia-se da mesma nebulosidade. A verdade é que nem o Estado Maior francês nem os dirigentes políticos da França tinham qualquer plano de acção. Aguardavam passivamente os acontecimentos para aceitarem a sua lei. De momento a sua convicção profunda era a de que Hitler, vendo a decisão franco-britânica de resistir, não ousaria atacar. O bloqueio, na sua opinião, se encarregaria de fazer o resto.

OS PARTIDÁRIOS DA ACÇÃO IMEDIATA

Aos que pediam uma acção imediata respondiam os que continuavam a acalentar a esperança duma solução de compromisso que essa acção nem era aconselhável, nem sequer possível. Os primeiros, em plena guerra, eram acusados de belicistas. O mundo olhava fixamente em direcção a Paris, não prescrutando nos sinais de cansaço que a França dava antes mesmo de ter chegado a hora crucial das decisões inelutáveis, não reparando que era em Moscovo que se encontrava a chave do enigma europeu. Pensava no duelo franco-alemão, e mal pressentia que era o duelo germano-russo que decidiria da sorte da guerra.

Entretanto, os aliados franco-britânicos tinham na sua mão alguns trunfos militares de primeira ordem. A inércia e a falta de decisão de muitos dos seus dirigentes não permitiam que eles fossem aproveitados. Em Paris o grupo dos partidários duma acção imediata tinha dois chefes incontestados, o ministro Paul Reynaud, nos meios políticos, e o general Georges, nos meios militares. Que propunham, em resumo, o político e o militar, cujo pensamento se identificava?

Destruida a Polónia, diziam eles, nem por isso havia que abandonar o conceito da guerra em duas frentes, única forma possível de dividir o poder militar do Reich, anemando-o e abatendo-o. Como constituir, porém, essas duas frentes, que os chefes do nacional-socialismo, fiéis nesse ponto à tradição e ao exemplo de Bismarck, tinham conseguido cautelosamente evitar até essa altura?

Era para a Itália e para a Turquia que se voltavam os olhares dos partidários da acção imediata e forte. A Itália encontrara uma fórmula nova e ousada para definir a sua posição no conflito: a não beligerância. Era bastante mais do que a neutralidade benevola e ativa a favor do seu parceiro do «eixo». A península italiana era o corredor de trânsito que anulava, em boa parte, os efeitos do bloqueio britânico. O governo de Roma pensava que, ao mesmo tempo que favorecia, no possível, os interesses e satisfazia as necessidades do Reich, os franceses e os ingleses não deixariam de considerar todo o valor da sua posição geográfica e toda a importância do seu potencial militar para obterem as concessões que ostensivamente apresentaram antes de se iniciarem as hostilidades. As esperanças italianas haviam de revelar-se igualmente vãs.

Diante do muro da linha Siegfried o exército francês detivera-se. A invasão do Reich só seria possível através do norte de Itália. Para isso era necessário correr os respectivos riscos. Por outro lado, franceses e ingleses haviam concentrado na Síria, sob o comando do general Weygand, um exército de algumas centenas de milhar de homens, bem armados e equipados. Era o exército do Pró-



Paul Reynaud



General Weygand

ximo Oriente. Uma acção conjugada dos franceses, atravessando o norte de Itália e penetrando pelo sul da Alemanha, e do exército franco-britânico da Síria, atravessando os Balcans e mobilizando, naquela zona do continente, as simpatias e os apoios de que os aliados dispunham, era, segundo alguns, a única fórmula viável para evitar que a guerra perdesse o seu ritmo característico. Sobre as verdadeiras intenções do Reich, nenhuma dúvida eram permitidas, nem em Londres, nem em Paris, depois de terem escutado um discurso em que o ministro da propaganda alemã declarava: «O nosso objectivo é deixar apodrecer a guerra. A guerra apodrecerá». Com a guerra apodreceram várias outras coisas. E entre elas, a mais importante para a condução futura da luta, apodreceu o moral do povo e do exército da França.

DUAS CARTAS REVELADORAS

Aos partidários da acção opunham-se os defensores duma paz de compromisso. Havia-os inúmeros nas fileiras e na rearguarda. Um deles escreveu ao ministro Anatole de Monzie, que continuava a desenvolver no seio do governo e fora d'ele uma intensa campanha a favor da Itália:

«Estou mobilizado, como milhões de compatriotas meus. Mas queixo-me menos do que outros porque me colocaram a vinte quilómetros da frente. Mas há, de facto, uma frente? É essa a minha dúvida. Eu não sei sequer se a guerra já começou. Nas aldeias que atravessavi vi tropas e material. Nos combóios circulam peças e munições. Nas fábricas trabalha-se, dia e noite, para a defesa nacional. E não assisto, sequer, a um bombardeamento. Estou a vinte quilómetros da frente. Mas não sinto a guerra».

Este o quadro em que aparece vivamente desenhado o estado de alma dum soldado de quem a pátria exige todos os sacrifícios. Em contrapartida, que conceito têm eles do moral do inimigo? O mais elevado. Ouçamo-lo, falando alto na sua carta escrita em Outubro de 1938:

«Há, porventura, quem pense ainda em abater o regime hitleriano? Como? Bombardeando-o com papéis que caem do céu. A ideia é perfeitamente pueril. Para que estale uma revolução na Alemanha é preciso primeiro que esta suporte uma derrota militar ou, pelo menos, que essa derrota lhe pareça inevitável. Nada disso acontece agora».

Porque não via o correspondente e amigo de Monzie possibilidade de derrotar a Alemanha militarmente?

«Mesmo que quisessemos fazer a guerra, diz o seu testemunho, não teríamos um campo de batalha. As linhas Maginot e Siegfried são invulneráveis (oito meses depois, os acontecimentos se encarregariam de demonstrar a falta de fundamento desta suposição). Então? Continuaremos a acreditar na eficácia da guerra económica? A verdade é que a Alemanha tem ao seu serviço os recursos inesgotáveis da Rússia. E é preciso não esquecer que a Europa Central, os Balcans e muitos países neutros estão prontos a fornecer-lhe aquilo que não se encontra na Rússia. Haverá quem pense, a sério, na eficácia do bloqueio?».

O caso particular da França devia ser encarado no quadro da situação geral assim descrito.

«Para quê tantos milhões de vítimas? Para quê tantas ruínas e tantas misérias? Se a guerra continuar, a França, vitoriosa ou derrotada, será uma nação perdida. A sua gente é pouca. Sujeitá-la a uma nova sangria é perdê-la irremediavelmente».

Remédio para o mal? O autor da carta apresen-



Rainha Guilhermina

tava-o com uma franqueza que denunciava os seus sentimentos profundos:

«A que conclusão chego eu? É preciso pôr termo, o mais rapidamente possível, à aventura, louca e estúpida, em que nos envolvemos. Creio que é ainda tempo. Faço votos profundos para que seja assim. Com os meus votos está o pensamento de milhares de camaradas meus».

O soldado que assim escrevia era também deputado. Chamava-se J. Tschadour. Como lhe respondia o ministro, membro dum governo responsável pela conclusão vitoriosa da guerra?

«As minhas preocupações não diminuem. Como V. penso que não é possível concluir vitoriosamente esta luta. Creio que, dum momento para outro, surgirá a oportunidade duma mediação. Quando e como? Por enquanto é impossível, e só devemos tentá-la com o concurso da Itália. A atitude d'este país tem sido exemplar. Partilho inteiramente os seus pontos de vista».

Assim se pensava e procedia nas altas esferas francesas um mês e meio depois de declarada a guerra.

OS BELIGERANTES E OS NEUTROS

Entre os aliados franco-britânicos e a Alemanha estabelecera-se um diálogo que a decisão dos primeiros liquidara. Londres e Paris, embora não fizessem uma ideia muito clara da situação, tinham a noção exacta de que faltava jogar o «nau» da partida. Em Paris essa noção era seguida pela tendência conciliadora e pacifista duma parte da opinião e dos círculos dirigentes. Os conservadores com Flandin, os direitistas com Laval, os socialistas com Paul Faure, os neosocialistas com Marcel Déat, os adversários do comunismo, com Jacques Doriot desejavam, no fundo, um entendimento com o Reich. Em Londres a corrente do apaziguamento estava longe de ter abandonado as suas posições. Homens da categoria de Neville Chamberlain, Lord Halifax, Sir Samuel Hoare e Sir John Simon continuavam instalados no poder que o primeiro superiormente dirigia. Mas enquanto os franceses não tinham conseguido suscitar um movimento forte a favor da guerra a todo o transe e as flutuações se estendiam do governo aos diversos sectores da nação, os ingleses não descansavam e intensificavam, com a sua preparação militar, o desejo firme de levar até às últimas consequências o combate em que se tinham envolvido.

Um discurso veemente de Winston Churchill e os incentivos recebidos de diversas partes do Império marcaram, durante o mês de Outubro, o valor da decisão britânica. Sem precipitações, mas com o firme desejo de vencer, os Domínios foram, um a um, marcando a sua posição de apoio e de aplauso às decisões da Metrópole. O alto comando australiano foi reorganizado e confiado a alguns dos seus melhores generais. Na Austrália restabeleceu-se o treino militar obrigatório, abolido desde 1929, e que marcava o primeiro passo no sentido da convicção. A Nova Zelândia iniciou a preparação intensiva da sua primeira divisão de infantaria. No Canadá, o general Mac-Naughton foi nomeado comandante das forças destinadas a combater fora do território canadiano. O Canadá foi, ao mesmo tempo, transformado no Centro Imperial de Aviação destinado a formar e aperfeiçoar os pilotos

britânicos. A sua produção de aviões começou a intensificar-se em proporções animadoras. Embora não dispoza, na ocasião, de grandes massas de homens devidamente adestrados, os Domínios e as Colónias da Corêa começaram a fornecer ao esforço de guerra da Grã-Bretanha a colaboração da sua boa vontade e dos seus recursos inesgotáveis.

Com excepção dos beligerantes (Grã-Bretanha, França, Alemanha) e dos não beligerantes (a Itália ao lado da Alemanha e a Turquia ao lado dos aliados), os restantes países da Europa mantinham-se neutrais. Os povos balcânicos e as nações danubianas aguardavam a evolução dos acontecimentos: a Hungria e a Bulgária, fazendo votos pela vitória do Reich, única solução capaz de dar satisfação às suas aspirações revisionistas, a Grécia e a Roménia, simpatizantes com a causa franco-britânica, embora sem realizarem a esse respeito a unanimidade da opinião pública, a Iugo-Eslávia profundamente dividida.

Para o norte, os Estados nórdicos começavam a dar sinais visíveis de decomposição. O grupo de Oslo nunca pesara muito no conceito europeu nem nas decisões de Genebra. Os seus apêlos a favor da paz não encontravam eco. A Suécia, a Noruega e a Dinamarca separavam-se da Finlândia, directamente visada pela U. R. S. S. O seu desejo firme de neutralidade levou-as a abandonar um país com quem, poucas semanas antes, haviam assinado compromissos comuns.

Uma carta do presidente Roosevelt a Kalinine chefe do Estado soviético, manifestava o desejo de que as relações entre os soviets e a Finlândia não viessem a ser perturbadas.

Mas a sorte d'este último país estava decidida já.

Na Holanda e na Bélgica os sinais de inquietação sucederam-se durante a segunda quinzena de Outubro e a primeira quinzena de Novembro. Em Bruxelas e na Haia correram boatos insistentes de que os alemães preparavam uma invasão dos dois países, boatos a que alguns incidentes fronteiriços deram verosimilhança. A Holanda, directamente ameaçada, tomou as suas primeiras medidas defensivas. O rei dos belgas pronunciou um discurso em que afirmou a intenção firme de defender a independência e a integridade da nação contra qualquer ataque. A Suíça redimiu vigorosamente a sua neutralidade e procurou dar-lhe uma expressão concreta evitando atrosos e usando, na sua imprensa, uma linguagem moderada.

Em volta dos beligerantes formara-se assim a cadeia da neutralidade que os envolvia. Mas essa cadeia não tinha nem unidade, nem direcção. Cada um dos elos que a compunham estava prestes a separar-se dos outros. Para isso aguardava apenas que a fatalidade da guerra lhe batesse à porta. Mas naquela época teria sido possível dar-lhes o sentimento comum das suas dificuldades e dos riscos que corriam. Ninguém pensou em o fazer.

A RUSSIA E A AMERICA

Em 31 de Outubro, reuniu-se o Soviete Supremo para ouvir uma exposição pormenorizada do comissário do povo Molotov sobre a politica externa. Molotov começou por declarar que enquanto a Alemanha aspirava a uma cessação imediata das hostilidades, a França e a Inglaterra pretendiam que estas prosseguissem. A este respeito acrescentou a seguinte declaração: «Não é verdade que os fins que se pretende alcançar com o actual conflito não são aqueles que publicamente se apontam? O motivo verdadeiro da guerra franco-britânica contra a Alemanha não é a reconstituição



Pierre Laval



Sarad Joglu

da antiga Polónia nem a defesa da democracia. Há outro motivo que explica a duração do conflito. A França e a Inglaterra lutam pela defesa dos seus interesses materiais como grandes potências coloniais que são».

Molotov declarou em seguida, declaração sensacional por todos os títulos, que a U. R. S. S. ficaria neutral no conflito em que o Reich defrontava a Grã-Bretanha e a França. «A entrada das tropas soviéticas na Polónia, disse, não está em contradição com este princípio de carácter geral. Esta entrada justifica-se pela necessidade de acatular a nossa segurança e de ir em auxílio das populações irmãs da Ucrânia e da Rússia branca».

O comissário para os Negócios Estrangeiros aludiu largamente às relações russo-finlandesas que entravam numa fase crítica. A Finlândia, segundo revelou, recusara-se a assinar com a U. R. S. S. um pacto de amizade idêntico ao que este país concluíra com os Estados bálticos, Estónia, Letónia e Lituânia. As relações russo-finlandesas estavam sendo objecto de negociações e as trocas de impressões entre Moscovo e Helsinquia prosseguiram há semanas. O mesmo podia dizer-se em relação à Turquia. O ministro dos Estrangeiros turco, Sarad Joghlu, deslocara-se até à capital soviética, mas o fim da sua viagem permanecia desconhecido do grande público. Era lícito supôr que os russos pretendiam fazer com que a Finlândia e a Turquia ingressassem na órbita da sua acção diplomática. Por outro lado, sabia-se que a concentração de efectivos poderosos na fronteira romena constituía um motivo de preocupações para o governo de Bucareste. «A U. R. S. S.», concluiu Molotov, deseja guardar uma inteira liberdade de movimentos e conduzir, com espírito de seqüência, a sua atitude de neutralidade». No fundo, as expressões verbais de Molotov eram contra os aliados, mas os actos do seu país dirigiam-se todos ostensivamente contra os interesses alemães mais significativos.

Em meados de Outubro a voz do presidente Roosevelt ergueu-se do outro lado do Atlântico para declarar que os Estados Unidos, nos últimos tempos, não tinham dado o seu apoio a qualquer diligência feita para restabelecer a paz na Europa. Era a forma amena de dizer que o discurso do Führer pronunciado no Reichstag em 6 não tinha a sua aprovação. Em 26 o presidente voltava a falar para dizer, num discurso radiodifundido, que os filhos dos americanos não voltariam a pisar qualquer teatro de operações fora do seu continente. Mas acrescentou: «Para nós é, porém, absolutamente impossível permanecermos neutrais em pensamento, em palavras e em actos, porque o povo norte-americano, depois de profunda reflexão, formulou já a sua opinião definitiva sobre a natureza dos acontecimentos que se desenrolam no



A entrada das tropas soviéticas em território polaco — que Molotov pretendeu justificar no seu discurso do 31 de Outubro de 1939.



Kollinno

continente europeu».

O Senado, entretanto, ocupara-se da revisão da lei da neutralidade. Adversários e partidários da administração manifestaram, claramente, a sua oposição aos métodos do nacional-socialismo e ao pensamento hitleriano. Mas enquanto os primeiros desejavam passar imediatamente das palavras aos actos, os últimos entendiam que era cedo para definir a atitude do país perante o conflito europeu.

Em 27 de Outubro o Senado aprovou uma emenda que mandava levantar o embargo à exportação de armamento para os países beligerantes. Praticamente esta providência significava para a Grã-Bretanha e para a França a possibilidade de adquirir material de guerra nos Estados Unidos.

Tinham, porém, que o pagar e que o transportar até aos pontos de destino. Mais do que a decisão do Senado a votação que a precedeu, 63 votos contra 30, foi tomada como um sintoma da vontade da nação americana. A maioria enorme assim conseguida deve-se, em boa parte, ao incidente com o navio «City-of-Flint» que por essa altura ocorreu.

De 23 de Setembro a 3 de Outubro estivera reunida no Panamá a conferência inter-americana com a assistência de vinte e uma nações do hemisfério ocidental. Embora manifestando opiniões divergentes quanto aos pontos de pormenor, êsses delegados exteriorisaram um pensamento unânime sobre os métodos a adoptar para a defesa do seu continente e sobre a solidariedade que os ligava. De acordo com as opiniões expressas, os Estados Unidos passaram a ser o intérprete autorizado das aspirações e das intenções pan-americanas.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

Vida MUNDIAL Ilustrada

AQUI JAZEM
TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS
Húmiltas
MEDICINAIS
e capazes de
desbravar os
microbios da
boca, sob a
forma de uma
EVITA:
estomatites
mercuriais
ou bismuticas
TRATA:
gengivas das
carnidas

Couto, Lda - Porto
R. DOMINGOS - 106

OS CHEFES NA ENCruzILHADA

panorama internacional

por Francisco Velloso

SEM demasiado desvio na imagem, poderia dizer-se que em todo o vastíssimo campo intercontinental da guerra, está a acontecer o mesmo alarme que sobreexcita as populações dum a região abalada por violento terremoto.

Desde a Alemanha até aos arquipélagos do Pacífico passando pelas conferências em Washington — a terra treme.

SENHOR DA GUERRA



HITLER

O primeiro e mais sensacional dos acontecimentos que o assinalam, surge no dia 21 em plena Alemanha quando a retirada dos exércitos do Reich se aprofunda na segunda semana, de Dezembro diante do desenvolvimento da manobra atentamente desenhada e executada por Timochenco. Nessa data à noite, do seu quartel general, Adolfo Hitler lança um manifesto histórico ao exército e ao povo alemão a anunciar-lhes estes dois factos estrondosos: — a demissão, ou melhor a decapitação do Feld-Marechal Cristiano Walthor von Brauchitsch da chefia suprema do exército do Reich; a assumpção d'ele, Hitler, ao comando único das forças em operações, com plenitude de poderes.

A notícia caiu como bomba, mas às pessoas que viram quasi dia a dia os sucessos da outra Grande Guerra, só por obliteração de memória ela surpreendeu. Então, a sucessão de Von Bülow, de Von Falkenhain, de Hindenburgo-Ludendorff correu parelhas no campo aliado com a de Joffre até Foch. Em ambos os casos, crises no comando supremo, conflitos políticos em torno da condução da guerra diante de malogros militares, urgência da unidade de uma direcção para conseguir a vitória. A história repete-se em Berlin, em Londres, em Washington, em face de três acontecimentos dominantes que vão ter necessárias consequências: o avanço da contra-offensiva russa, a retirada forçada de Romel na Líbia para a Cirenaica diante de Ritchie, a vitória japonesa no sudoeste do Pacífico.

Von Brauchitsch era apresentado como exemplo feliz das intuições do Führer. A 5 de Fevereiro de 1938, Hitler deu o seu grande golpe no estado maior da Wehrmacht: — treze generais passados a reforma, Von Blomberg impontado, Von Brauchitsch chamado à testa do alto comando. Depois a guerra eclodiu. São inúmeras as fotografias (a última quando da visita de Mussolini à frente russo-germânica), com Von Brauchitsch

mostrando a dedo sobre uma carta o dédalo das operações. O estado maior avocara a si, desde a crise balcânica, a direcção politico-militar da guerra. Tal como desde 1917.

O golpe de Hitler desmonta esta máquina.

Já a leste, como vimos, Von Keitel, Von Bock, Von Runstedt, haviam tombado por força das circunstâncias. Von List accorreu da Trácia a substituir o primeiro.

O programa militar de Hitler é «sustar a retirada a leste e agüentar até à primavera». Ao mesmo tempo, Hitler (e esta parte do seu manifesto é extraordinariamente importante) conclama o povo alemão a sacrificar-se, a unir-se totalitariamente ao exército e a confiar às cegas no seu génio militar. Um comunicado ulterior de Berlin reforça este apelo explicando que desde a campanha de França até à invasão da Rússia, tudo foi concebido e dirigido por Hitler. Evidentemente, os competentíssimos chefes militares alemães, alguns dos quais mundialmente admirados, ficam protraídos e desautorizados — como responsáveis, por exemplo, de Moscovo não ter caído em Agosto e o Cáucaso em Outubro. A desorientação destas coisas é evidente.

A PROCURA DA UNIDADE



CHURCHILL

Veja-se agora, do outro lado, a crise do comando único inter-aliado. Winston Churchill aparece com oitenta técnicos em Washington em conferências com Roosevelt e outros tantos técnicos norte-americanos, no dia 23. No dia seguinte, os jornalistas ouvem os dois homens de Estado na Casa Branca. E Churchill confessou-lhes que «teve uma sensação de divórcio, vendo a Rússia victoriosa e a América e a Inglaterra a lutarem lado a lado» — o que bem prova o peso que lhe ofegava a respiração antes d'esses dois factos. O comando militar único é substituído por um conselho permanente sobre directrizes únicas. De facto, nem Napoleão poderia hoje assumir a tarefa de comandar uma guerra intercontinental — disse com razão o Primeiro Ministro inglês. Mas isto é também um calcanhar de Aquiles.

A Conferência de Washington visou, pois, sobretudo, a uma sinérgica intercorrespondência de auxílios nas ofensivas futuras dentro de cada teatro da guerra, e à unificação acelerada da produção industrial norte-americana. E a mais eloquente demonstração das ruinosas consequências que a negligência egoísta dos Estados Unidos teve para os aliados, e da qual, como mais tarde se há-de ver melhor do que hoje, eles só se salvaram pelo esforço heroico da Armada Real, da R. A. F. e de oito milhões de operários ingleses em febre nas bancadas das oficinas, e pelo talento de

Timochenco na condução da campanha russa. Antes da conferência do Potomac, excepto no serviço de fornecimentos à Grã-Bretanha, a cooperação norte-americana foi reumida naquela famosa frase de Lord Beaverbrook ao chegar a Nova Iorque: «Têm trabalhado pouco e mal». Depois da entrevista do Potomac até ao assalto magistralmente executado pelo Japão as coisas não mudaram. Em parte, Churchill e Roosevelt devem ser gratos a Tojo. Foi este que sobressaltou a unidade americana. Mas agora a crise está em ponto agudo. Ou os Estados Unidos cumprem o seu dever, ou o desastre já não poderá ser evitado, contra o potencial fresco do nipão e essa outra verdade que Churchill disse rotundamente na Casa Branca: «Os aliados devem confiar mais na derrota externa da Alemanha do que na sua derrota interior».

Quanto ao entendimento entre a Inglaterra, os Estados Unidos, a China e a Rússia (sem o qual a identidade politico-militar dos aliados não se realizará) Churchill, interrogado, apenas respondeu que concordava. E no entanto...

DIAS SOMBRIOS



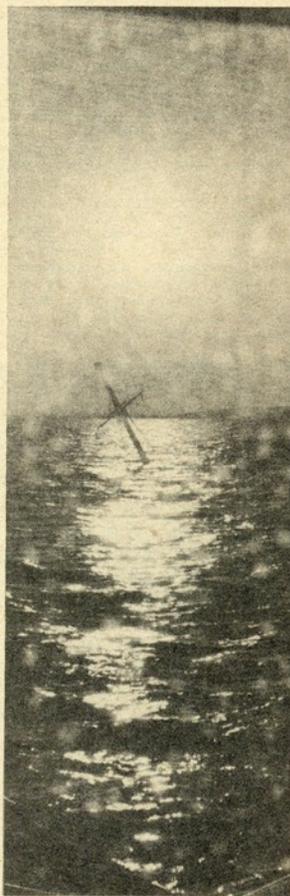
TOJO

No entanto, os acontecimentos não param. O Japão ocupou as ilhas de Guan e de Wake. O seu assalto e conquista de Hong-Kong revelaram, em forte negativo, mais uma página do heroísmo inglês que um Kipling há-de memoriar em orgulhosos versos, tal como a de Tobruk e de Malta, mas não deixa de ser verdade que a queda da ilha fornece aos japoneses uma base ideal de reabastecimento e abrigo para as suas forças de ataque, e que a sua reconquista excede esforço a ultrapassar todas as previsões, visto que o Japão só poderá ser dominado no próprio arquipélago pátrio. Mas a mancha nipónica alastra. Os assaltos de desembarque nas Filipinas — cuja defesa já está a causar assombro porque as esquadras anglo-americanas não aparecem — prolongam-se nos dirigidos às grandes ilhas holandesas.

Singapura e a situação em Malaca, a despeito da vigorosa resistência pioram. Brooke Popham queixa-se de que «os pedidos para reforço do apetrechamento militar nunca foram atendidos», mas no Daily Express de 22 de Dezembro, lê-se em correspondência de Sidney, que Sir Charles Wyner-Broocke, o chamado Raja Branco de Sarawak, declarou que «os incompetentes chapéus de lalão de Singapura, são os responsáveis pela fantástica posição em que se encontra a Malásia e devem ser imediatamente empacotados. Hoje a única protecção de Sarawak são as Indias Holandesas». E Cecil Brown revelou pelo Rádio-Columba de Singapura: «Estive em

Singapura quatro meses antes da guerra rebeitar. Por toda a parte havia a apaixonada convicção e a completa certeza de que a guerra não viria perturbar as horas do golf, da dança e do cocktail.

E a Rússia? E a China? *



O BARCO VAI DESAPARECER... — Esta extraordinária fotografia publicada num jornal americano mostra-nos o derradeiro instante dum navio mercante torpedeado no Atlântico. A luz do luar, vê-se só, na superfície das águas quietas, o tópo do mastro do barco. À volta, tudo é silêncio e desolação.



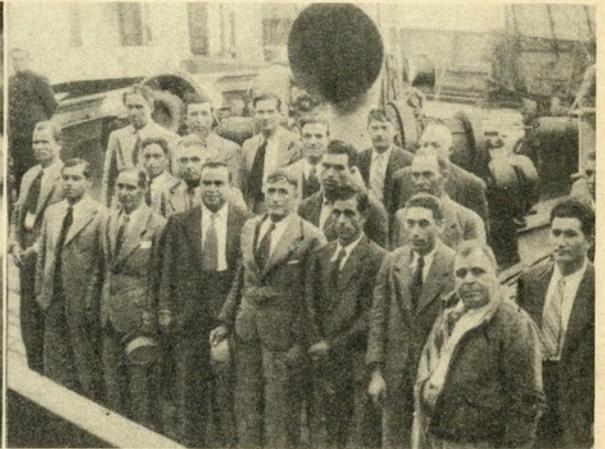
Vida PORTU GUESA



O SR. PROF. MENDES CORREIA, presidente da Câmara Municipal do Porto, inaugurando naquela cidade o novo Recinto Infantil Baltazar Guedes.



UM ASPECTO DA CERIMÓNIA religiosa dos casamentos no Bairro da Boa Vista.



ALGUNS DOS NAUFRAGOS do barco português «Cassequel» chegados a Lisboa.



DOIS ASPECTOS DAS CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS DO NATAL efectuadas nas agremiações regionalistas de Lisboa.



O SR. MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL e o representante do Chefe do Estado no acto inaugural do 1.º Salão de Trabalhos Infantis na S. N. B. A.



A ESPÓSA DO CHEFE DO ESTADO na festa comemorativa do Natal que se efectuou no Ateu Comercial, com distribuição de enxovais a crianças pobres.



O SR. EMBAIXADOR DE ESPANHA e sua esposa durante a festa de Natal

É POSTO À VENDA BREVEMENTE O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO, «DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA» É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL»

B.B.C.



Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Noticiário	Actualidades	Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário		GR Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
			GS O	19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades		GR V	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário		GS C	31,32 m. (9,58 mc/s)
			GS B	31,55 m. (9,51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades		GR T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.
A venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

SOROMENHO, SILVEIRA & CARVALHO, L.^{DA}

Exportadores de Conservas de Peixe

LARGO DO CORPO SANTO, 13, 3.º D.º

LISBOA

Vida **MUNDIAL** *ilustrada*

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

VIDA MUNDIAL

DOCUMENTÁRIO SEMANAL
DA IMPRENSA DE TODO
O MUNDO

OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS

A MAIOR VENDA DE TODOS
OS SEMANÁRIOS PORTUGUESES

Vida **MUNDIAL** *ilustrada*

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

(Continuação do número anterior)

CAPITULO II

O PREÇO DUMA ESFERA DE AÇO



RA bem John King que estava na sua presença. Charles Read nem o queria acreditar. Ainda se julgava vítima de um sonho. Ou êle subira muito no conceito do milionário, ou, na verdade, o seu valor começava a convencer, mesmo as pes-

soas mais altamente colocadas nos Estados Unidos. E John King era alguém.

Não podia haver dúvidas. Era o milionário qua ali estava, de chapéu na mão, sorridente e amável, e diferente, como nunca o vira no escritório de commissões e consignações, nos tempos tão próximos, e que já lhe pareciam bem distantes, em que não passava de um modesto empregado de carteira, cheio de sonhos e sem um centímo.

Charles Read, alhondo aquêlê homem alto, forte, um pouco barrigudo, a luneta de aro de ouro a tremelicar-lhe no nariz forte, adunco, quasi cometera a grosseria de não o mandar sentar. Teve que fazer um esforço sôbre si mesmo para se habituar à realidade. Foi então, com grande alvôroço que puxou um «maple» e rogou, cheio de respeito:

— Queira sentar-se, «mister» King.

O milionário refastelou-se com um suspiro de contentamento no largo molle fôfo e, depois de limpar ao seu lenço de sêda, as lentes da sua luneta, perguntou, delicado:

— «Mister» Read, dá-me licença que fume?

— Ora essa, «mister» King... — murmurou confusamente o policia. — Esteja absolutamente à sua vontade. Está na sua casa...

Aquêlê «Mister» Read na bôca do milionário, fêz-lhe lembrar certo dia em que o mesmo homem importante, de chapéu na cabeça, o tratava soberanamente por «meu rapaz».

John King acendera, em movimentos pausados, o seu charuto de preço, supprara um ou duas fumaças e quedava pensativo, como que alheio ao que o cercava. Read, que pouco a pouco retomara a sua presença de espírito, observava-o com atenção. E como aquêlê alheamento persistisse, permitiu-se a audácia de lhe interromper o devanêio, dizendo, ao mesmo tempo que se sentava à sua secretária:

— Estou inteiramente às suas ordens, «mister» King.

O milionário dir-se-ia despertar súbitamente e, um pouco confuso, pronunciou:

— Desculpe-me... Estava agora a pensar... Sabe em quê?

— No tímido empregado de escritório que o senhor conheceu há pouco mais de um ano...

— É extraordinário! — exclamou King, interrompendo-o, com entusiasmo. — Era precisamente nessa cena que pensava... E parecia-me um acontecimento morto, como se já muitos anos tivessem passado sôbre êle. Mas, diga-me, como advinhou o meu pensamento?

Charles, que já readquirira todo o do-

minio sôbre si mesmo, respondeu, sorrindo:

— Um pouco de faro... A carreira policial apura-nas certas faculdades...

— Pois é precisamente dessas faculdades que venho à procura. Cria que, na altura em que o vi, não apostava um dólar pela sua intelligência. E eu raras vezes me engano, no meu primeiro golpe de vista. Reconheço, hoje, que me enganei redondamente. Tenho seguido, através da leitura dos jornais, os progressos que tem feito na nova carreira que abraçou. Dou-lhe os meus parabens ao mesmo tempo que me penitencio do mau juizo que formei a seu respeito.

Charles Read inclinou-se numa vénia, agradecendo.

— Não lhe digo isto para o adular —

Read. — Lembrou-me até de me ter dito que estava ainda muito cru, e que uma bola de aço era um objecto muito duro para o meu dente.

John King soltou uma gargalhada, que lhe fêz tremer a luneta na cana do nariz.

— Sim, senhor! — exclamou êle, a dominar o riso. — Pelo que veja tem uma excelente memória... Foi, realmente, isso, pouco mais ou menos, o que eu disse. E como é meu hábito, era absolutamente sincero. Pensava que o senhor, na verdade, ainda não tinha as suas faculdades de investigador suficientemente desenvolvidas, para se incumbir de uma missão tão difficil como...

— A de encontrar uma bola de aço...

— Não brinque, porque o caso é mais

O milionário tardou um largo momento em responder. Depois, entre duas fumaças longas, disse:

— Não se trata de uma herança. Trata-se de uma simples compra que me fêz desembolsar, há uns cinco anos, nada mais, nada menos de seiscentos mil dólares.

— Por uma simples esfera de aço! — exclamou o policia amador.

— Sim, por uma simples esfera de aço — corroborou o milionário.

Ficaram ambos um momento silenciosos a olhar um para o outro.

— Não compreendo como um bacado de aço possa valer tanto dinheiro — disse Charles Read, quando pôde, enfim, sair do seu espanto.

— Deve parecer-lhe estranho, realmente — concordou John King. — Eu próprio, às vezes, chego a duvidar de que tivesse dado uma soma tão grande em troca de uma bola de aço...

— É porque tem qualquer particularidade rara — disse o policia.

— É uma maça perfeitamente esférica, que pesa cinco quilos e duzentas e trinta e três grammas, nem mais nem menos.

Charles Read fazia grandes esforços por dissimular a sua estranheza e permanecer numa attitude perfeitamente calma.

— É redondo... e fechada? — perguntou.

— Redonda e absolutamente fechada. Cria que só se poderia abrir, fundindo-a a uma alta temperatura.

— Já experimentou abri-la? — inquiriu Read.

O milionário hesitou um segundo. Depois respondeu, resolutio:

— Não, nunca a abri... Poderia trazer-me desgraça...

O policia lançou-lhe uns grandes olhos inquiridores.

— Por agora, não interessa entrar nesses pormenores — disse John King. — O que me trouxe aqui foi apenas o seguinte: quer o senhor incumbir-se de descobrir o paradeiro dêsse objecto?

— Evidentemente — respondeu o «detective», sem hesitação. — Mas preciso de...

— Escute! Escute, primeiro — atalhou o ricoço. — Vamos, por partes. O senhor quer encarregar-se dessas investigações. Isso alegre-me. Procure-o, porque é em si que ponho as minhas últimas esperanças. Já dispendi mais de cinquenta mil dólares em pesquisas inúteis. Chegou a vir de Londres um «detective» inglês, precedido de grande fama, e nada conseguiu. Retirou descoroado, declarando que ninguém poderia descobrir o paradeiro da malfadada esfera de aço. Pois bem, estou disposto a gastar outros cinquenta mil dólares em novas investigações. Se o senhor triunfar, dou-lhe cem mil dólares. Se falhar, cobrirei, quando muito, as despesas. Aceita?

— Aceito — respondeu Charles Read. — Mas como quer o senhor que eu proceda, sem me fornecer os elementos...

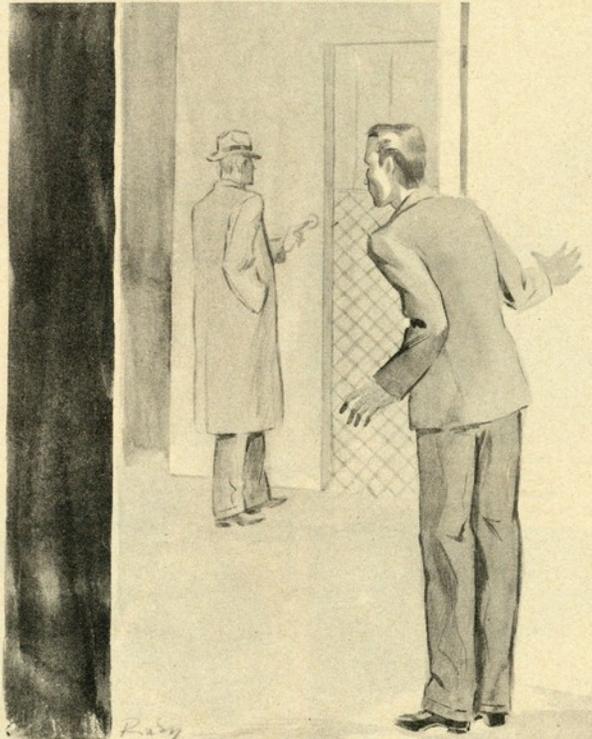
— Estou disposto a fornecer-lhe todos os elementos — acudiu King.

— E a esfera contém... o quê? — perguntou, impaciente, o policia.

O milionário sorriu e disse:

— Cria que o conteúdo da esfera não lhe interessa para lhe descobrir o paradeiro. Não é o conteúdo que eu lhe peço me procure, é a esfera em si, nada mais. Aliás, como quer que eu lhe diga o que ela contém, se há pouco lhe disse

(Continua na pág. 16)



E Charles Read viu o seu vulto desaparecer ao fundo do corredor...

acudiu John King, deitando distraidamente a cinza do charuto para o tapete que Read tinha em muita estimação. — Não está no meu feitio ser adular. Digo apenas, sinceramente, rudemente, o que sinto, e mais nada.

Fêz uma pausa. Read teria agradecido mais uma vez a franqueza se não temesse que a sua réplica provocasse ao visitante mais algum arrazoado que o desviasse do verdadeiro objectivo da sua visita. Calou-se prudentemente. E a sua tática surtiu ou pareceu surtir efeito, porque John King retomou a palavra, nestes termos:

— O senhor deve estar recordado de eu lhe ter falado, no escritório dos Stone Brothers, na dificuldade de se encontrar um objecto sem valor, uma simples esfera de aço...

— Recordo-me perfeitamente — disse

sério do que penso — atalhou o milionário, tornando-se súbitamente grave.

— Como o senhor tinha falado num objecto sem valor... — insinuou o policia.

— Mas tudo tem o seu valor relativo... — replicou John King. — A esfera de aço a que me refiro tem um valor extraordinário, muito embora para si, para a maioria das pessoas não tenha mais valor do que o que pesa... em aço...

E o senhor dir-me-á, que em qualquer das minhas fábricas poderia mandar fazer uma esfera igual ou parecida... Mas... mas aquêlê é que eu quero haver.

— É um objecto de estimação...

— Sim, é um objecto de estimação — murmurou o visitante.

— Legado de família? — inquiriu Read, lançando-lhe um olhar perscrutador.

A ESFERA MISTERIOSA

(Continuação da pág. 15)



MISS MAXIME MORGAN, uma actriz norte-americana, ganhou recentemente um concurso pouco vulgar. Apresentou-se no baile dos artistas e jornalistas do Flavin Clube de Nova-York com um vestido originalíssimo: de papel celofane, ornamentado com rendas.



HELENE, de 18 anos, a componente mais jovem do grupo de raparigas que se encontram em Londres ao serviço da França Livre. — (Foto «Britanov»).

que se trata de uma bola perfeitamente fechada?...

Charles Read ficou a olhá-lo um momento. Parecia-lhe muito estranho tudo aquilo. Uma esfera, que se compra por alguns dólares numa loja de sucata, valer para aquele homem, que tinha fama — e proveito — de grande negociante, a cifra monstruosa de seiscentos mil dólares; aquela ignorância do seu conteúdo, não era menos suspeita. Estes raciocínios perpassaram muito rápidos por sua mente.

John King, entretanto, erguera-se do «maple», perguntando:

— Quando quer iniciar as suas investigações?

— Hoje mesmo — respondeu Read.

Estava disposto a arremessar-se contra aquele mistério, mesmo que o milionário, arrependendo-se, voltasse com a palavra atrás. Procederia às investigações, com ou sem consentimento dele. Queria saber porque se tornara tão valiosa para King uma esfera de aço, éle, que era dono de altos fornos, e que poderia fabricar milhares de esferas de aço talvez mais perfeitas do que a que procurava, e infinitamente mais baratas.

— Pois bem, meu caro Read — disse o visitante. — Para início das suas investigações espero-o esta noite em minha casa. Jantarão comigo. Depois lhe mostrarei o local onde a esfera se encontrava e conversaremos sobre o assunto.

— Combinado — respondeu o polícia, apertando-lhe a larga mão que o outro lhe estendia.

Numa amabilidade, acompanhou até à porta o visitante. Este deteve-se ainda um momento para lhe dizer:

— Uma prevenção, «mister» Read. Tanto minha mulher como minha filha ignoram esta questão. Nem sabem se-

quer que a esfera de aço existe... Por-tanto, na presença delas, nem uma palavra... É um segredo que fica entre nós.

— Fique descansado, «mister» King — disse o polícia. — A minha profissão é guardar os meus segredos e devassar os alheios...

Trocaram ainda um efusivo apêto de mão. E Charles Read viu o seu vulto desaparecer ao fundo do corredor, para o lado do ascensor.

(Continua).

IMAGINAÇÃO E AMOR

LINDA LISBOA

À MULHER
«Obra de Deus»
AO DINHEIRO
«Obra dos Homens»

EDIÇÃO DO AUTOR
SÉCULO XX-ANO 41 Ganto «Valente» PREÇO-10 ESCUDOS

HINOS de alegria, sonhos de amor e cânticos da mocidade a ecoar nas perspectivas duma cidade maravilhosa

O ROMANCE DUMA ÉPOCA

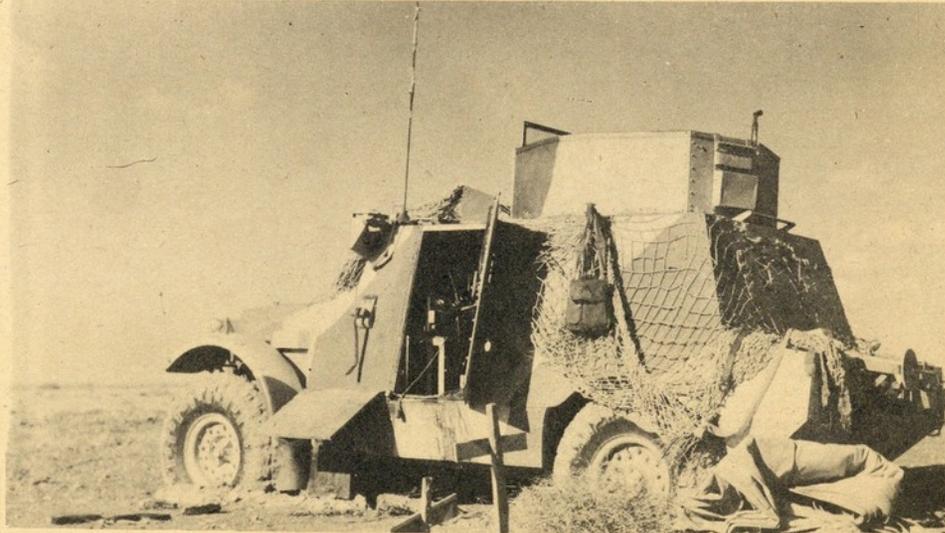
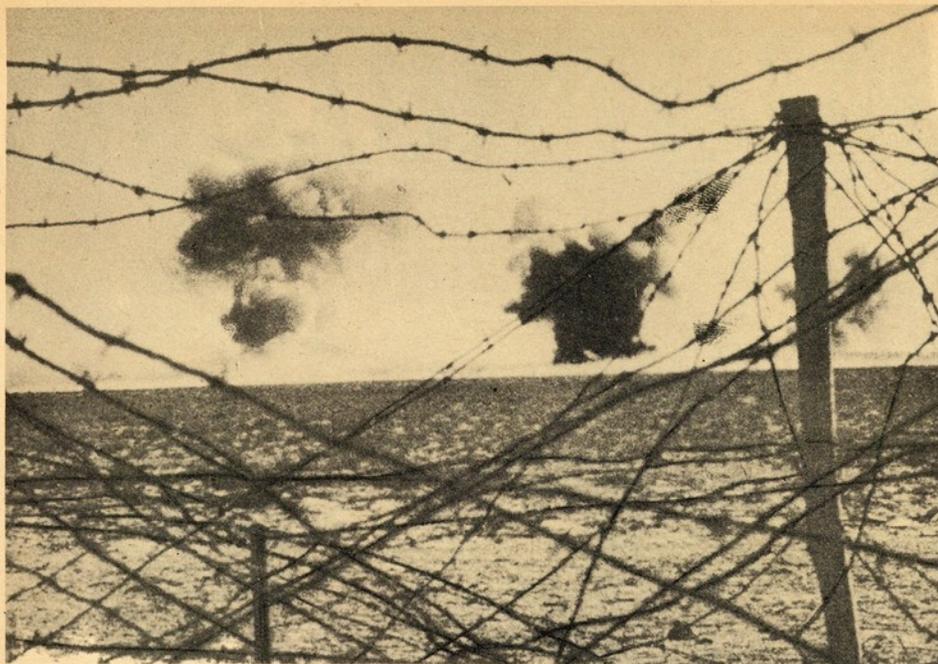
Acertou!...

Preferindo, para a execução dos seus trabalhos Os Ateliers Gráficos

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA - Telefones P. B. X. 21227 - 21368

Imagens da **ITALIA** na guerra



TRES ASPECTOS DA ACTIVIDADE ITALIANA nas frentes de combate da Rússia e da Africa do Norte. De cima para baixo: Magnifico instante fotografico que nos dá uma visao das accoes de artilheria e de lançamento de cortinas de fumo, durante a preparação dum ataque a uma posição inimiga na Líbia. — Um carro blindado capturado. — Uma secção motorizada italiana na região da bacia do Dassetz.

CALCADA DA GLÓRIA

O ANO QUE PASSOU

A GORA que um novo ano surge, recordo alguns episódios do ano que passou, folhas caídas dum velho calendário...

6 DE JANEIRO

SONHEI esta noite que os Reis-Magos — esses bons e generosos Baltazar, Gaspar e Melchior — me tinham trazido um grande bolo-rei e que eu, no desejo de encontrar o sonhado brinde, o comera até à última fatia. Por fim, lá encontrei o brinde, não como eu esperava, uma casa luxuosa nas Avenidas Novas e um opulento automóvel de milionário, mas um simples anel de metal amarelo, símbolo da obediência. E para isso comi eu o bolo inteiro! Resultado: uma indigestão. Uma indigestão de fantasia, que é a mais pesada de todas...

16 DE FEVEREIRO

UMA senhora — li hoje em certo livro — perguntou um dia a Tailleyrand como conseguira manter-se em tão elevada situação durante governos tão diversos. Logo o grande diplomata respondeu com o melhor sorriso do mundo, tirando do bolso da casaca a sua caixa de rapé:

— Muito simplesmente, minha querida amiga: substituindo as caras desta tampa de ouro. Aqui já estiveram Luiz XVI; Barras; Napoleão; e agora Sua Majestade El-Rei Luiz XVIII, meu Senhor...

8 DE MARÇO

VI esta tarde, descendo o Chiado, um sujeito grave, de chapéu alto. Agora um chapéu alto, em plena rua, caminhando a pé como qualquer de nós, tornou-se um caso raríssimo. — «Vê-se logo que estamos próximos do Entrudo!» — exclamou, perto de mim, uma rapariga trocista, ao olhar o nobre descendente do chapéu de Carlos VII e de D. João III. Não há dúvida: se o chapéu alto ainda existe como canudo — está de todo morto como instituição social.

13 DE ABRIL

DOMINGO de Páscoa. No bulício tumultuoso da cidade, recordo a Páscoa da minha aldeia com o senhor vigário, de sobrepeliz, entrando de porta em porta, risonho, abençoando, acompanhado pelo sacristão e por dois ou três irmãos da confraria. Era a visita pastoral. O foliar rescendia a ovos e açúcar. O chão juncava-se de rosmarinho. O próprio crucifixo sorria quando nós o beijávamos, de joelhos. Tinha graça, ternura, expressão, ingenuidade, cor, este quadro de Malhoa — que Malhoa nunca pintou!

7 DE MAIO

DIZIA-ME hoje alguém: — Há dois meses que não pago a renda da casa, nem o telefone. Além disso, devo à criada, ao mercieiro, ao sapateiro, ao alfaiate, a todo o mundo...

E, numa expressão alegre, rematou: — Enfim, o dever acima de tudo — como dizem os moralistas!

6 DE JUNHO

DA-ME um tostãozinho para matar a fome? — suplicava hoje uma pobre velha estendendo a mão, em pleno Chiado, à assistência pública. Logo certo burguês, passando: — Mulher: matar é sempre um crime!

O HOMEM DO SÉCULO



Este senhor João Pereira da Rosa, «l'enfant du Siècle» — como diria Alfredo de Musset — possui um nome que tem sido, de certo modo, a chave do seu destino memorável. É certo que João, não obstante ser o nome dum santo singularmente festejado, é uma denominação vulgar que coisa alguma nos diz de especial. O mesmo não sucede, porém, com Pereira e com Rosa. Pereira sabe a frutos; Rosa — cheira a flores. Pereira faz sombra; Rosa — dá perfume. Somem agora tudo isto — a ordem dos factores é arbitrária — e terão, em síntese, João Pereira da Rosa. Flores e frutos, perfumes e sombras, eis a biografia completa dum homem, ao mesmo tempo audaz, activo e inteligente, que tem sabido extrair da existência muito daquilo que a existência contém em sombras e perfumes, em frutos e flores. Não sendo, por acaso, uma das nossas figuras históricas, não nos admiramos muito se nos garantirem que este homem passará à História. Detentor e orientador dum dos nossos maiores diários — é uma força. Essa força move e remove cada dia ou, melhor, cada noite, uma multidão. Verdadeiro Rosa de todo o ano, autêntico Pereira que não se cansa de dar peras, este «enfant du siècle» é, em verdade, o homem do Século. É ele que põe, dispõe, impõe, manda, tira e deixa. Nada se faz, nada se decide, nada se escreve — sem ouvir «o Rosa». O Rosa é o padre-cura daquela freguesia. Com a sua cabeleira ondulada, os seus óculos fulgurantes, o seu sorriso triunfal, é uma espécie de rei popular da rua Formosa. Quando ele passa, risonho, opulento, feliz, divino, no seu coche de ouro, a caminho do «Século», nem uma só voz deixa de gritar, num afecto entusiástico:

— Adeus, ó Rosa!

E «per omnia seculo seclulorum» aquela Rosa passará, fresca, sem se esfolhar...

22 DE JULHO

NUM velho livro encontro esta história.

Uns naufragos conseguiram chegar a uma ilha deserta perdida no Oceano. De repente, um velho de longas barbas brancas, envolto num burel quasi des-

feito, surge dum rochedo, perante o assombro dos naufragos:

— Há dez anos que vivo aqui, isolado do mundo, para esquecer... — diz ele.

— Esquecer o quê? — perguntam-lhe.

— Já não me lembro...

24 DE AGOSTO

DE-ME meio tostãozinho, meu senhor, pela sua saúde... — diz-me um pobre-diabo quasi andrajoso, estendendo-me o chapéu.

E logo acrescenta:

— É para dar de tróco nos «eléctricos»...

21 DE SETEMBRO

CHEGOU o outono. Começam a emudecer os ninhos, a estremer as árvores na frescura viva do ar. Uma ligeira crispação de frio sacode as primeiras folhas. Dir-se-ia que uma grande asa cor de ciúza principia a descer sobre a natureza como um véu imponderável. E, entretanto, o outono é a mais linda estação do ano, em Portugal. As manhãs cintilam, aveludam-se as tardes, as paisagens adoçam-se — e nos olhos dormentes da terra principiam a brilhar, com ternura, pequeninas lágrimas de orvalho...

9 DE OUTUBRO

LI hoje que um médico, o dr. Hans Friedenthal, contando os cabelos das cabeças femininas, chegara às seguintes conclusões: as mulheres ruivas têm 88.000 cabelos; as morenas 102.000; e as loiras 104.000. A respeito das cabeças masculinas nada nos diz. Mas digo eu: a cabeça do homem tem, em média, 35.000 mil cabelos em pé de guerra — e duas dúzias na reserva...

16 DE NOVEMBRO

ENCONTREI Francisco Valença. Falámos de arte, de literatura, de politica, de gente conhecida. Contámos anedotas. Recordámos episódios pitorescos. A propósito do grande sábio Leite de Vasconcelos, Valença diz-me:

— Uma das coisas que Leite de Vasconcelos mais estimava era um chapéu Panamá, que tinha 30 anos. Mal se aproximava o verão, ai andava ele, como um brasileiro, de Panamá flamante. Um dia, ao passar junto dum prédio, alguém deixou cair uma ponta de charuto, acêsa, sobre o Panamá de José Leite, ficando uma mancha enegrecida sobre a aba. O sábio não hesitou; correu a casa do pintor Saavedra Machado, mostrou-lhe o chapéu e pediu-lhe, numa súplica:

— O Saavedra, disfarce-me aí essa mancha com tinta a óleo, da cor da palha...

Saavedra sorriu, mas pintou.

— Obrigado, Saavedra, obrigado. Este Panamá largo vale mais que o estreito...

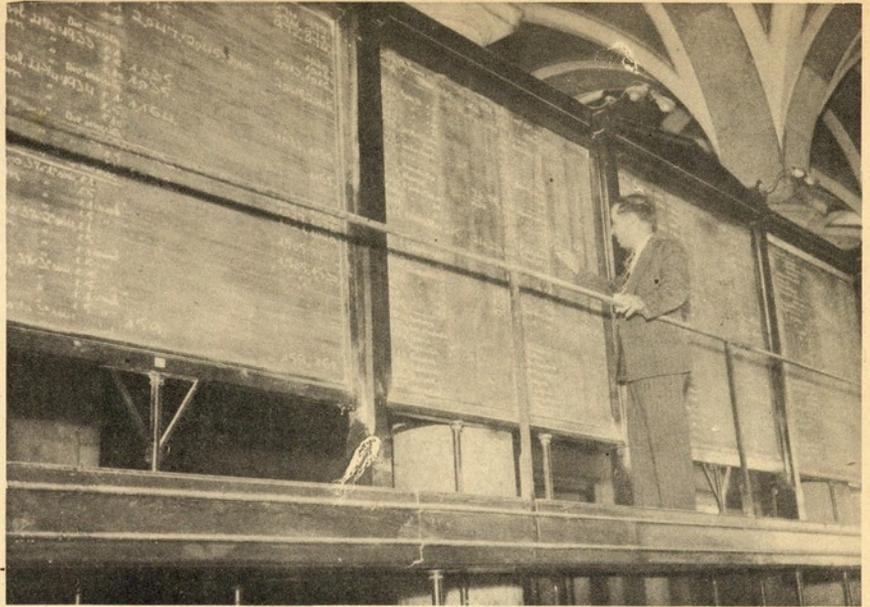
10 DE DEZEMBRO

NEM sempre a morte é triste. Não conheço nada mais alegre, por essa provincia fora, do que a matança do porco no mês do Natal. Esse dia é dia de festa. É a fartura que inunda o lar. É a paz que entra em casa. A salga transforma-se na bemaventurança. O fumeiro converte-se num céu aberto. Se a existência do porco é, essencialmente, filosófica, a sua morte é culinariamente dionisiaca. Tendo vivido para engordar, ninguém é tão festivamente saboreado depois de morto.

Luís de Oliveira Almeida



UMA HORA NA BOLSA DE LISBOA



Uma reportagem de A. Santos

E RAM 10 e 30 quando chegámos a vista do edifício. Pelas informações que antes lográramos obter sabíamos que topográficamente ficava situado no torreão oriental da magnífica praça pombalina e vis-à-vis com o estuário imponente do Tejo. Ao nosso lado, com passo certo e cadenciado, marcham dois indivíduos de aspecto marcial, que descrevem, simultaneamente, em voz alta, acerca das últimas operações efectuadas na bolsa e no Extremo Oriente, aventando, ainda, miraculosos projectos sobre o futuro.

Acertamos o passo e, discretamente, passamos a segui-los, observando com curiosidade todos os seus gestos e repetindo-os maquinalmente, com precisão sincrónica, quando, algum deles, acossado pelo frio, comprime energicamente contra o solo as grossas botas de couro que lhes atacam os pés.

Anotamos ainda, inadvertidamente, este pormenor pouco grato mas insignificante. As nossas estaturas são quasi idénticas, porém, como partirmos desprovidos de agasalhos e a tarde está agreste, os compridos casacos de lã que ães envergam dão-nos a sensação de que se trata de pessoas bem nutridas.

Atravessamos rapidamente a Praça e pelo nosso sub-inconsciente passa a imagem daquele velho apóstolo do fideísmo que se popularizou, entre nós, pela sua inelável ternura pelas aves...

E os velhos pombos, que se compraziam com a sua amizade, acoitados algures, guardam ainda luto pela sua memória.

Mais um passo e eis-nos finalmente junto da almejada bolsa...

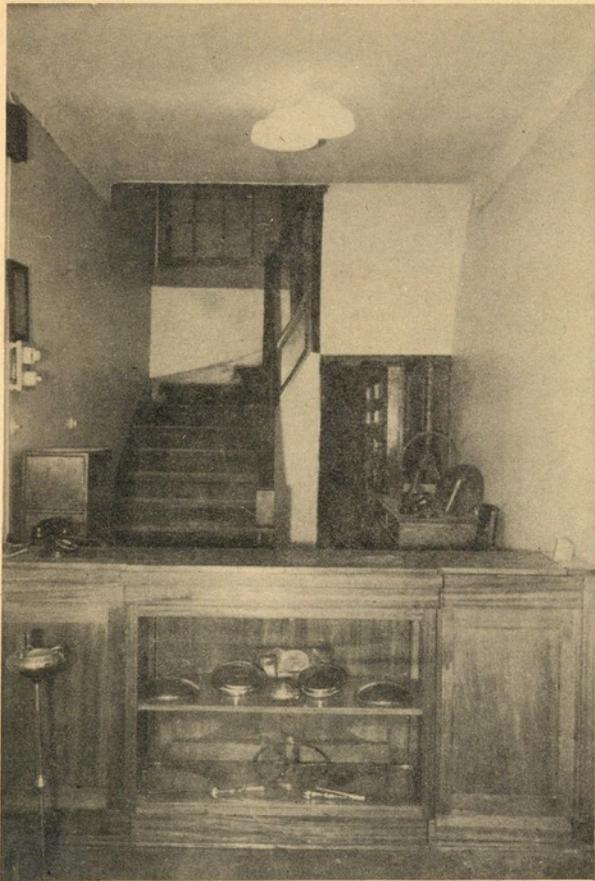
Os nossos dois imponentes e loquazes companheiros acabam de desaparecer por detrás do guarda-vento e nós procedemo-los, imediatamente, no desejo intenso de viver aquela atmosfera, alheios a toda a vida exterior e espiritual.

O aspecto da bolsa é pouco acolhedor e dizem-nos que agora o desenvolvimento sempre crescente dos últimos tempos, ela quasi se identifica, na sua incoesonância, com a prescrita bolsa «do lá vem um», designação familiar ou quasi familiar por que era conhecida a primitiva bolsa.

(Continua na pág. 20)



UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL DE AUTOMOBILISMO



No dia 1 de Novembro último, a SPIDA, uma das mais importantes e progressivas firmas importadoras de automóveis e camions, inaugurou na Avenida Casal Ribeiro, n.º 28, umas novas oficinas de reparações e estação de serviço, visto as que possui na Rua do Solitre, 123, serem insuficientes para atender o movimento, sempre crescente, da sua numerosa clientela.

As novas oficinas, amplas e bem iluminadas, cuja reportagem fotográfica publicámos no nosso número de 6 de Novembro passado, podem considerar-se modelares e das melhores no seu género em todo o País.

Dividem-se em 7 secções: grandes reparações mecânicas; pequenas reparações mecânicas e electricidade; bate-chapa e reparações de carroçerías; soldaduras eléctrica e a autogénio; pintura; estofador e estação de serviço.

Não exageramos confessando que a visita que fizemos às novas instalações nos deixaram encantados, pela ordem e superior organização que se verificam em todos os serviços. Algumas máquinas — como a de alinhamento e desempenho de chassis — e outras que raramente se encontram em organizações industriais particulares, prendem especialmente a nossa atenção.

Em 1 de Dezembro, foi inaugurada na Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 25, a nova loja de venda de peças e acessórios de que damos, em cima, um aspecto parcial.

Está, pois, a SPIDA de parabéns, e muito especialmente os seus numerosos clientes, que passarão a utilizar-se de uma das melhores organizações industriais que se dedicam exclusivamente à reparação de automóveis, camions e motocicletas.



No estrado de honra, durante a sessão de homenagem à missão da Mocidade Portuguesa, em Londres, vêem-se os srs. Capitão Pinto Sequeira (à direita) e o ex-ministro de Inglaterra em Portugal, Sir Walford Selby (à esquerda).

NA BOLSA DE LISBOA

(Continuação da pág. 19)

A sala, de configuração hemisférica, é ampla e abobadada, o que facilita o sistema acústico e oferece aos corretores maiores possibilidades auditivas.

O «parquet» é um pequeno e invulnérvel reduto circular onde se alojam, indistintamente, os corretores oficiais e o pessoal superior da bolsa que orienta proficilmente as operações e procede às consultas.

Circundam o «parquet», uniformemente, numerosas cadeiras, quasi sobrepostas, que coagem os espectadores a um aturado exercício para as ocupar. O seu aluguer, segundo nos afirmou com autoridade um conselheiro presente à bolsa, é tão elevado como qualquer pariató...

Perante semelhante afirmativa, escarrece-se a razão porque estão quasi sempre devolutas.

Como profanos que somos na matéria, procuramos imiscuir-nos no funcionamento e regularização da bolsa, enquanto no perímetro acanhado do «parquet» os corretores, lestos, gritam a todos os pulmões:

- Três!...
- Três e meio!...
- Quatro!...
- Quatro e...

E surge uma pausa. A frase é entrecortada por um rápido volver de olhos para o quadro. A assistência, cuja disposição é óptima, corresponde com elegância ao sorriso entendido do corretor e... o homem repete altoamente:

- Quatro!...
- Quatro e meio!...
- Cinco!...
- Cinco e...

Nova interrupção. Agora é um velho sargento reformado do exército que pede tréguas para apreatar o auscultador de som ao ouvido.

Esta intermitência provoca grande hilariedade; porém, calmamente, já acostumados aos imprevistos da bolsa, os corretores repetem ainda:

- Cinco!...
- Cinco e meio!...

Olhamos em redor, perscrutando as fisionomias, mas toda a atenção dos espectadores está concentrada nos três ardoças giratórias onde o marcador, placidamente, vai registando, ao longo da «passerelle», as maiores ofertas. O silêncio que precedeu as gargalhadas de há pouco, é também geral e a gente sem querer, perante tanta solenidade, só sugere duas coisas: um entêro que passa ou o silêncio profundo da sala de jogo de Monte Carlo com a banca prestes a ir «à glória».

E enquanto se comenta o acontecimento e se cogita sobre as probabilidades dos ganhos do Carlos, funcionário aposentado e comendador, os corretores, entretimentos, passam aos fundos do Estado:

- Três!...
- Três e meio!...
- Quatro!...
- Cinco!...
- Seis!...

Surge a primeira oferta e os corretores prosseguem:

- Seis e meio!...
- Sete!...

Um leve pestamejar entre dois sócios situados no extremo oposto da sala, dá origem à palavra mágica:

— Consolidado!

Inopinadamente passa-se à segunda ardoça detentora das obrigações bancárias e plétórica de arabescos, que fazem as delícias dos banqueiros.

O valor nominal é de cem escudos, a quantidade de títulos admitidos à cotação ultrapassa a casa dos trinta mil e as últimas cotações efectuadas são bastantes altas.

E novamente, depois de um pequeno intervalo, a voz dos corretores se faz ouvir:

- Seis!...
- Seis e meio!...

Num recanto, isolado, um ex-guarda-freio miopo e manco consulta o «carnet», movimenta o lápis e traça

com mestria o sinal mais. Meneia a cabeça, vacila, mas acaba por se abanar de olhos fechados, atirando com voz meliflua:

— Seis e meio!...

E a parada valoriza-se perante a nossa surpresa, que desconhece os mistérios da bolsa.

Os cães de caça largam a desfilada no encaicho da lebre inexperiente, porém o velho escusa-se e sai incolume.

E surgem, assim, os primeiros sintomas de aborrecimento. Estamos agora na terceira e última ardoça e são postas à cotação as acções de diversas companhias, obrigações bancárias e operações a prazo.

Nesta parada toma parte a geral, que é constituída pelos retardatários e menos endinheirados, incapazes de se meterem em cavalarias altas...

Apresta-se tudo para a luta, que normalmente é pouco duradoura, mas algo lucrativa:

— Um e meio!...

— Dois!...

Com voz velada, os corretores anunciam e a série continua:

— Dois e meio!...

— Dois e meio!...

— Dois e meio!...

Mas antes que a palavra consolidado caia no silêncio pesado que envolve a sala, uma senhora expedita e desenvolva, cujos olhos pouco brilhantes contrastam com os refulgentes objectos que lhe adornam o peito, grita vitoriosa e sorridente:

— Três!...

Consultamos o relógio e, por singular coincidência, êle regista 3 horas, o que é de bom augúrio.

Em cinco minutos a sala fica deserta. E enquanto nós, de regresso ao jornal, filosofamos ingloriamente acerca do destino da espécie e na possível consagração da grande Dora da bolsa, o sol doira e matiza a bela e vistosa cidade de Lisboa.

A ANEDOTA DA SEMANA

O COMBÓIO PARA SINTRA

Numa destas noites, três indivíduos chegaram apressadamente, às 10 e 5, a uma das portas da «gare» da estação do Rossio e perguntaram ao porteiro:

— Já partiu o combóio para Sintra?

— Partiu às 10. Agora só se fôrem no das 11.

— Bem. Vamos beber qualquer coisa para fazer hora — disse um deles. E desapareceram.

Poucos minutos depois das 11, já o combóio se escondia no túnel, surgem os três a correr.

— O combóio já se foi embora — informou o porteiro. Agora, só têm o último, o da meia noite. Mas — vejam lá! — se perdem êste, só há outro amanhã, de manhã.

— Bem — voltou um dos três homens — Esperarei pelo da meia noite. Mas já agora, se vocês não se importam, vamos beber mais qualquer coisa. Está um frio de rachar!

Foram-se embora. A meia noite certa, voltam os três em grande correria.

— Olhem que o combóio já deu o sinal da partida! — gritou-lhes o porteiro.

Então dois deles deram um impulso maior e conseguiram subir para os estribos duma carruagem já quando esta ia em andamento.

O outro, porém, não o conseguiu. E parou no meio da «gare», a rir como um perdido.

O porteiro acercou-se dele.

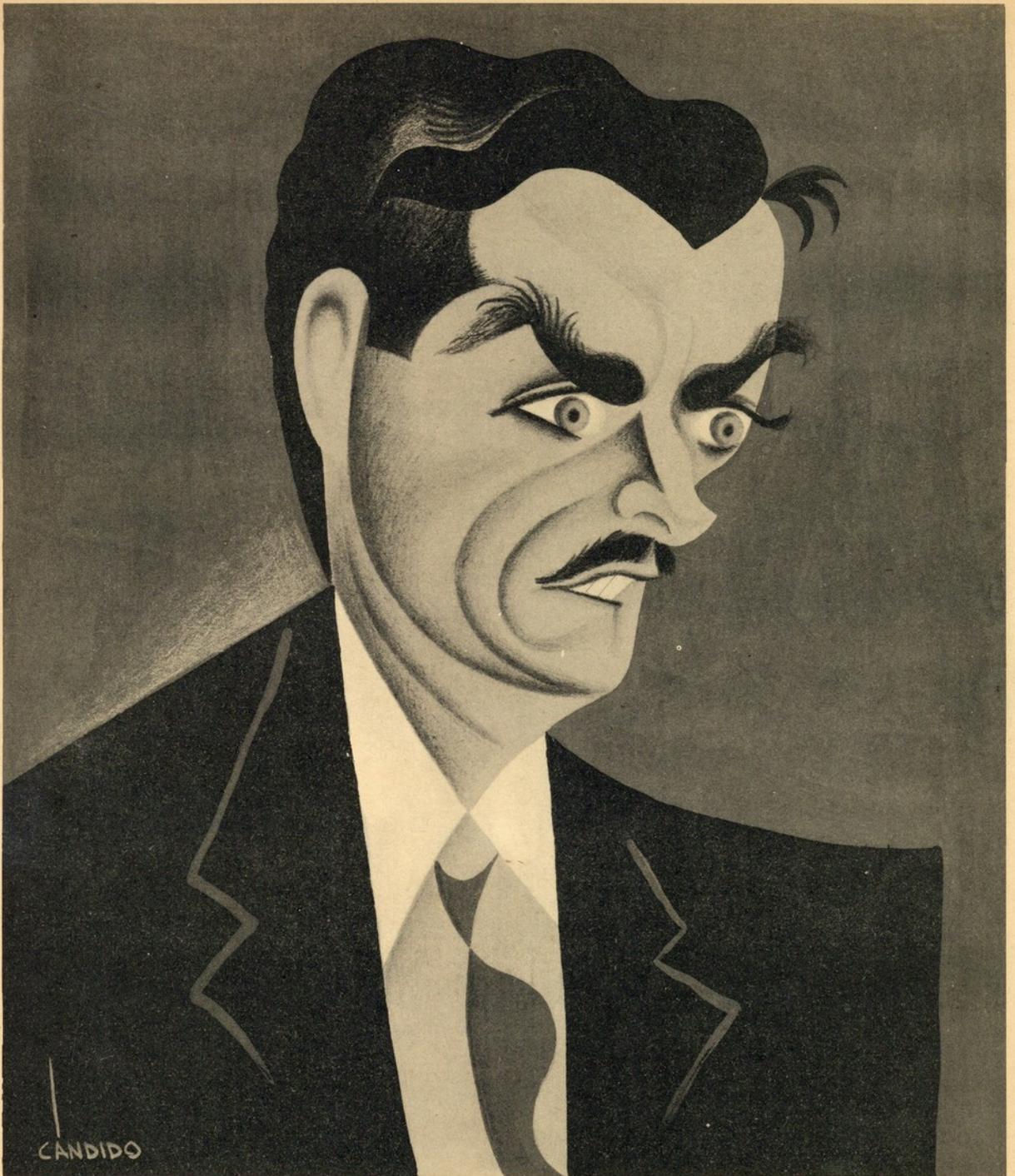
— Essa é boa! Então o senhor perde o combóio, sabe que já não há outro senão amanhã e ainda se ril!...

Mas o homem continuava às gargalhadas.

— Não é isso! — dizia êle, sufocado pelo riso — Não é isso! Viu aqueles dois amigos meus que conseguiram apañar o combóio?

— Vi. E então?

— É que só eu é que ia para Sintra. Eles vinham-se despedir de mim...



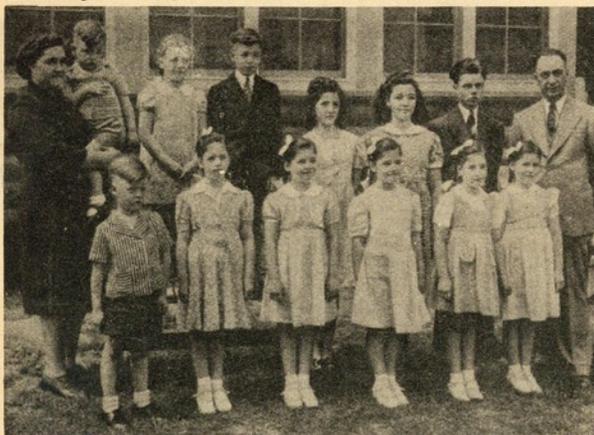
Figuras da Vida
MUNDIAL

ANTHONY EDEN, Ministro dos Negócios Estrangeiros do governo britânico, antigo ministro da Guerra e dos Domínios, cujas recentes viagens e actividade diplomática o trouxeram de novo ao primeiro plano da actualidade internacional. — (Caricatura de Cândido C. Pinto)

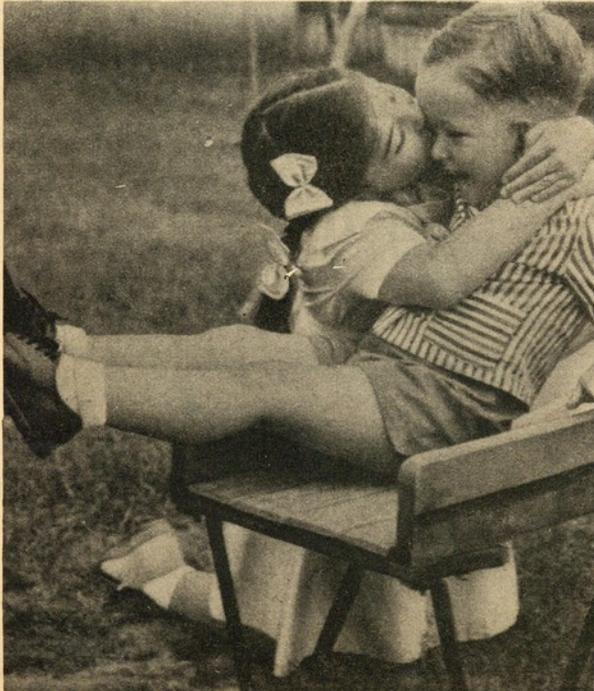
Vida
MUNDIAL
de Ilustração



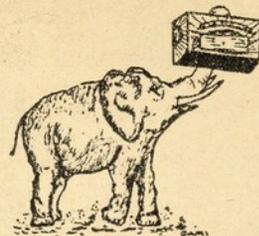
AS CINCO GÊMEAS Dionne cresceram. Lembram-se delas quando eram pequeninas? Pois aqui as têm agora com sete anos de idade. O seu caso é único no Mundo: mais de dois milhões de pessoas foram já vê-las na casa que o governo do Canadá construiu especialmente para elas e onde um médico vigia, desde que nasceram, o seu desenvolvimento e a sua saúde.



A FAMÍLIA Dionne — canadenses franceses — compõe-se de 12 crianças, das quais cinco gémeas: Cecília, Ivone, Ana, Maria e Emília. Os pais têm 38 anos.



EMÍLIA, a mais nova das gémeas, brinca com Victor, o seu irmão mais novo.



CHÁ CELESTE

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
Ondas	m. 221.1	(kcs 1357)	20,10
médias	m. 263.2	(kcs 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22,10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quartas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)



APYROL

CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia
Estácio — Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarias

VARIEDADES

O MAIS LINDO MODELO



O grande pintor espanhol Alejandro Pardiñas, cuja paleta tem reproduzido o colorido de muitas saias das Cortes, de muitos fatos e vestidos ricos, o homem que pintou os retratos do rei Afonso XIII, do Duque de Windsor, do marechal Hindenburg, do Duque de Alba e de outras altas personalidades, é hoje, pode dizer-se um dos reis de Hollywood, pois a sua arte contagiou os maiores artistas da tela disputam a honra de serem retratados por ele. Pardiñas tem feito uma fortuna, mas está em risco de não ganhar mais dinheiro na Meca do Cinema. É que teve a triste ideia de mostrar publicamente a sua opinião, afirmando que a mais bonita atriz que conhecia era Linda Darnell, o mais lindo modelo que, até hoje, lhe tinha sido dado reproduzir num quadro. Escusado será dizer que as outras já não o podem ver...

UMA CAMPEÃ EM MEIAS



Eis o título que ostenta orgulhosamente a sr.^a Annie Steenburgh, uma velhinha escocesa que vive na África do Sul. No dia em que festejava os seus 100 anos, recebeu na sua casa de Butterworth os representantes da imprensa local e as autoridades, que lhe foram apresentar cumprimentos. A centenária, ainda muito bem conservada, e sem esquecer os deveres da coquetaria feminina, havia ondulado os seus cabelos de neve. Ao ser interrogada sobre a sua longa existência, estendeu o braço num gesto orgulhoso e indicou o impressionante grupo dos seus 91 descendentes, todos presentes: filhos, netos, bisnetos e trinets. Pediu depois licença para terminar, apesar da solenidade do dia, uma tarefa que tinha entre mãos: era um par de meias para um dos mais novos trinets. E explicou: — É que, com este, atinjo o recorde de 20.000 pares de meias tecidas por mim. Uma vida inteira a fazer meia! Mas é preciso ver que toda a minha família não tem, até hoje, usado doutras!

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 5



HORIZONTAIS: 1 — Residência; Façanha. 2 — Cartel; Ditoso. 3 — Alem; Assento; Repetição. 4 — Elementos. 5 — Batráquio; Verbais. 6 — Anel; Maliciosa. 7 — Espírito; Clima. 8 — Quadrúpede. 9 — Alternativa. 10 — Alimentação; Princípios. 11 — Espécie de capa sem mangas (pl.); Vais para fora. 12 — Letra grega; Acreditei. 13 — Mau cheiro; Vaso de pedra para líquidos (pl.). 14 — Auxílii; Pateta. 15 — Relativo a nascimento; Suspense. 16 — Liações; Desprevidado.

VERTICAIS: 1 — Ornatos para o peçoço; Terno. 2 — Filéira; Fugir; Era. 3 — Sádica; Gordurosa; Antiga medida de comprimento. 4 — Transpiras; Caminhavam. 5 — Isolado; A ti. 6 — Confiança; Artigo (pl.). 7 — Amargor; O mais. 8 — Que tem asas. 9 — Flexão de pronome; Aparências; Artigo (pl.); Bebida. 10 — Avinagrada; Relativo a vacina. 11 — Castigos; Perturbações da cabeça produzidas por febre. 12 — Perseguir; Sensato.

PROBLEMA N.º 6

HORIZONTAIS: 1 — Artulhara; Espungia. 2 — Instrumento para lavar a terra (pl.); Navegavam. 3 — Gritava Sulcara. 4 — Acrescentar; Altares. 5 — Ruim; Gemidos. 7 — Isolado; Único. 9 — suspense; Viração. 11 — Clima; Proposição. 12 — Nome de letra; Ali. 13 — Escolhe; Início; Transferir. 14 — Pessoa que dança mal; Encare; Brami. 15 — Serpente fabulosa; Acolá; Chegaria. 16 — Asiático; Repises.

VERTICAIS: 1 — Amofinamos; Cozida. 2 — Ermida; Reza; Nadais. 3 — Ganiu; Brilhei. 4 — Agregar; Estava. 5 — Mine; Pref. designativo de negação. 6 — Artigo (pl.); Sô. 7 — Rim. 8 — Agora. 9 — Funesta; Criminosa. 10 — Altar; Observa. 11 — Defeito; Viscera dupla. 12 — Avarenta; Rijo. 13 — Aterrai; Corcovo; Preferia. 14 — Deprimem; Multipl. 15 — dões.

PROBLEMA N.º 4

Por ter saído incompleto publicamos hoje, novamente, o enunciado completo deste problema.

HORIZONTAIS: 1 — Irregular; Sem dúvida; Candura. 2 — Cascar; Fôlego; Bem. 5 — Gradeia com arame; Sinal; tográfico. 6 — Pentear-se. 7 — Zero. Queixa; Cifra. 8 — Recolhia. 9 — Dá um ar de riso; Retém. 10 — Separar; Capêlo. 11 — Qualquer festividade religiosa; Habitante da Alemanha. 12 — Pato; Bêsta mar; Grande porção. 13 — O; Quanto; Vênus dos Assírios.

VERTICAIS: 1 — Divindade; Albur. no. 2 — Esfaquear; Impedimento. 3 —

CINCO PROBLEMAS à margem da guerra para o leitor resolver)

1 — Qual foi a maior transacção internacional efectuada no ano passado?

2 — A noite de 22 para 23 de Dezembro de 1940 foi a mais perigosa de todo o ano para a Inglaterra. Porquê?

3 — Como se chama o diplomata inglês, figura de grande evidência no momento internacional, que é paralisado do braço esquerdo?

4 — E quem era o chefe de Estado morto há pouco tempo, também paralisado do braço esquerdo?

5 — Quais os estadistas cujas residências oficiais são nos seguintes locais: Rua Wilhelm, n.º 77, Avenida Pennsylvania, n.º 1800; rua Downing, n.º 10.

Soluções do n.º 29 de "Vida Mundial Ilustrada."

1 — Um, dois e três.

2 — Trinta e dois quilómetros. Como os ciclistas vão a andar a 24 quilómetros à hora e se encontram, a princípio, a distância de 48 quilómetros um do outro, cruzar-se-ão ao cabo duma hora. Este é o tempo durante o qual a mosca esteve a voar. E como ela voa a 32 quilómetros à hora, esta será a distância total que percorrer.

3 — Porque 80 minutos são 1 hora e 20 minutos.

4 — Até metade do corpo. Depois disso, começa a sair.

5 — Dando ao último amigo a cêrta com uma maçã dentro.

Soluções dos problemas do n.º 30

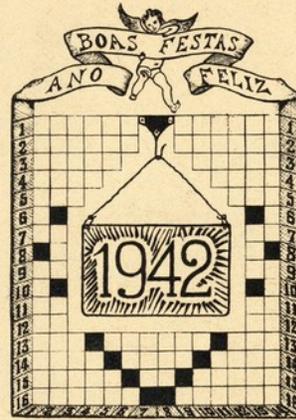
1 — Seis horas. As 49 pontas fazem 7 cigarros, mas cada um destes, depois de fumado, deixa uma ponta. Ficam, pois, sete pontas novas que, por sua vez, formam um cigarro. O número total de cigarros fumados é, portanto, de 8.

2 — Segundo se viu em 1 e 3, Diogo não é o banqueiro, nem o advogado. Segundo se viu em 4, o senador é amigo de dois dos outros três homens, enquanto que, segundo 1, Diogo não conhece dois deles. Logo, Diogo não pode ser o senador — deve ser o médico.

O banqueiro não é nem Pedro (como resulta de 1), nem Diogo, que é o médico, nem João (pois que este, segundo 2, se dá muito bem com o médico, que é Diogo, e o banqueiro não, como se vê em 1). Logo o banqueiro é Luiz.

Quanto aos outros dois, temos de raciocinar da seguinte maneira:

Pedro (segundo se vê em 1) não se dá com Diogo, que é o médico; logo (vidé 4) Pedro não pode ser o senador; e deve ser, portanto, o advogado. O senador, por exclusão de partes, é João.



Boas Festas
ANO FELIZ
1942

VERTICAIS: 1 — Matrona. Após 5 — Vocal; Prenda com ouro (a noiva); 6 — Sua; Passeavam; A mim. 7 — Fazer escala; E; Homem sem préstimo. 8 — Erra; Vitela. 9 — Inclinação; Condutor de palanquim, na Índia. 10 — Lampeão; Drama. 11 — Pau negro mui duro; Notícia vaga. 12 — Tribo; Desdita.

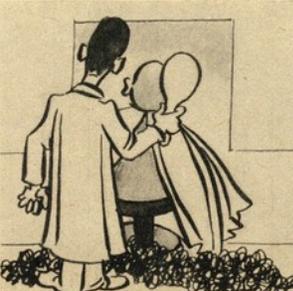
AQUI NÃO SE FIA



— Espere V. Ex. um bocadinho... Queira sentar-se... isto não demora nada: É só escanhar esta barba. São só cinco minutos...



— V. Ex. quer então a barba e o cabelo rapados. Não é verdade? Tem muita razão. É muito mais cómodo e higiênico.



— V. Ex. tinha uma cabeleira e peras! Sim, senhor, ficou aliviado. Quere alcool, sublimado, mentol ou água de Colónia?

Por Stuart Carvalhais



— Ah! Não tem?! Pois fique sabendo que nesta casa não se fia. Se não tem dinheiro para pagar, fica aqui até lhe crescer a barba e o cabelo outra vez!



AS MULHERES INGLESAS mobilizadas pelo govérno substituem agora os homens em muitas das suas occupaço'es. Esta está no Almirantado em comunicação com os barcos mercantes e regista, hora a hora, a sua posição exacta no Oceano Atlântico.